



Grimm

Os 77 Melhores Contos

CONTOS SELECIONADOS

- 1- João e Maria, 9
- 2- Branca de Neve, 12
- 3- Cinderela, 27
- 4- Rapunzel, 37
- 5- O rei sapo, 43
- 6- O pequeno polegar, 49
- 7- Músicos de Bremen, 56
- 8- Rumpelstiken, 61
- 9- Chapeuzinho Vermelho, 67
- 10- A bela adormecida, 73

© da organização, 2017 by Luciana Sandroni

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G874s

v. 1

Grimm, Wilhelm Karl, 1786-1859

Os 77 melhores contos de Grimm : volume 1 / Wilhelm Karl Grimm, Jacob Ludwig Karl

Grimm ; organização Luciana Sandroni ; ilustração Ramirez ; tradução de Íside M. Bonini. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018.

296 p.: il.; 23cm.



João e Maria



Em frente a uma grande floresta morava um pobre lenhador com a mulher e dois filhinhos: João e Maria. Tinham pouco com que se alimentar e na cidade tudo estava caro, nem mesmo o pão de cada dia conseguiam mais comprar.

Numa dessas noites, o lenhador atormentado pelas preocupações não conseguia dormir e ficava se revirando inquieto na cama e, entre um suspiro e outro, perguntou à mulher, que era madrasta das crianças:

— Que será de nós? Como alimentaremos nossos filhinhos, se nada temos nem para nós?

— Escuta aqui, meu caro marido — respondeu ela —, amanhã cedo os levaremos para o meio da floresta. Lá acenderemos uma fogueira e lhes daremos um pedaço de pão para que se alimentem. Depois iremos para o nosso trabalho e os deixaremos lá sozinhos. Eles não conseguirão encontrar o caminho de casa e assim ficaremos livres deles.

— Não, mulher, não posso fazer isso. Se abandonar meus filhos sozinhos na floresta, não tardarão as feras a devorá-los, como poderei viver depois?

— És um tolo, isso sim. Teremos de morrer os quatro de fome e nada te resta se não aplinar as tábuas para os nossos caixões.

Contudo, não deu sossego ao pobre marido até ele concordar.

— Mas as pobres crianças causam-me uma pena imensa! — repetia ele.

As crianças, de tanta fome, também não conseguiam dormir. Por isso, ouviram tudo o que a madrasta dizia ao pai. Chorando copiosamente, Maria disse ao irmão:

— Estamos perdidos!

— Não se preocupe — respondeu João —, não tenha medo, eu sei o que fazer.

Assim que os velhos adormeceram, João levantou-se bem de mansinho, vestiu o paletó, abriu a porta da frente e saiu. A lua resplandecia e as pedras branquinhas cintilavam diante da casa. O menino as apanhou e meteu nos bolsos quantas pôde. Depois voltou para casa e disse a Maria:

— Fique tranquila, querida irmãzinha, e dorme sossegada. Deus não nos abandonará.

E deitou-se novamente.

Ao amanhecer, antes ainda do sol raiar, a mulher acordou as crianças, dizendo:

— Levantem-se, seus preguiçosos. Vamos catar lenha na floresta.

Deu um pedaço de pão a cada um e disse:

— Isto é para o almoço, mas não deveis comê-lo antes do meio-dia, se não nada mais tereis que comer depois.

Maria guardou o pão no avental pois João estava com os bolsos cheios de pedras. Em seguida, foram todos rumo à floresta. Tendo caminhado um certo trecho, João parou e voltou-se a olhar para a casa. Fez isso repetidas vezes, até que o pai, intrigado, lhe perguntou:

— Que tanto olhas, meu filho, e por que ficas sempre para trás? Vamos, apressa-te.

— Ah, papai — disse o menino —, estou olhando para o meu gatinho branco que, de cima do telhado, está acenando para mim.

— Tolo, não é o teu gato — interveio a mulher. — Não vês que é o sol da manhã brilhando na chaminé?

Mas João não olhava para gato nenhum, era apenas um pretexto para, todas as vezes, deixar cair no caminho uma das pedrinhas brilhantes que trazia no bolso.

Quando, finalmente, chegaram ao meio da floresta, disse-lhes o pai:

— Juntemos um pouco de lenha, meninos, vou acender uma fogueira para que não fiquem com frio.

João e Maria juntaram uma boa quantidade de gravetos e ramos secos, com os quais acenderam a fogueira. Assim que as chamas se elevaram, disse-lhes a mulher:

— Deitai-vos junto ao fogo, meninos, enquanto nós vamos rachar lenha. Quando terminarmos o nosso trabalho, viremos buscar-vos.

João e Maria sentaram-se perto do fogo e, ao meio-dia, cada qual comeu o seu pedaço de pão. Ouvindo os golpes do machado, julgaram que o pai estivesse ali por perto, mas não era o machado, era simplesmente um galho que ele havia amarrado a uma árvore seca e que batia sacudido pelo vento. Ficaram muito tempo sentados junto do fogo; depois, por conta do cansaço, adormeceram profundamente. Quando despertaram, já era noite avançada. Maria começou a chorar com medo.

— Como sairemos da floresta?

— Espera um pouco — disse-lhe João para consolá-la —, espera até surgir a lua, aí encontraremos o caminho.

Não tardou, apareceu a lua resplandecente. João tomou a irmãzinha pela mão e juntos foram seguindo as pedrinhas, que brilhavam como moedas novas e lhes indicavam o caminho. Andaram a noite toda. Ao amanhecer, chegaram à casa do pai. Bateram à porta e, quando a mulher abriu, vendo os dois na sua frente, disse, muito zangada:

— Crianças preguiçosas, por que dormiram tanto na floresta? Até pensamos que não queriam mais voltar para casa.

O pai, ao contrário, alegrou-se ao vê-los, pois tinha remorso por tê-los abandonado lá sozinhos.

Assim passou certo tempo. Depois a miséria tornou a invadir a casa e, uma noite, quando estavam deitados, os meninos ouviram a madrastra dizer ao pai:

— Já comemos tudo o que havia em casa, só nos resta meio pão. É preciso levá-las embora. Desta vez, porém, para o fundo da floresta, para que não encontrem o caminho de volta. Não nos resta outra solução.

O homem sentiu o coração apertar e ia pensando: “Seria melhor dividir teu último pão com teus filhos”, e relutava em concordar. A mulher, porém, não queria dar-lhe ouvido e censurava-o asperamente. Mas como havia cedido da primeira vez, viu-se forçado a ceder novamente.

As crianças, que ainda estavam acordadas, ouviram toda a conversa. Assim que os velhos adormeceram, João levantou-se novamente para sair de mansinho, como da outra vez, para catar as pedrinhas lá fora, mas a madrastra havia trancado a porta. Entretanto, consolou a irmãzinha, dizendo-lhe:

— Não chores, Maria, dorme sossegada. O bom Deus vai nos ajudar.

Ao raiar do dia, na manhã seguinte, a madrastra tirou as crianças da cama. Cada um deles recebeu um pedaço de pão, ainda menor que da vez anterior. No caminho para a floresta, João esfarelou-o no bolso e, de quando em quando, parava a fim de, jeitosamente, deixar cair as migalhas.

— Que tanto olhas para trás, João, e por que te demoras? — perguntou o pai.

— Estou olhando para o meu pombinho que está a dizer-me adeus de cima do telhado.

— És um tolo — disse a mulher —, não vês então que não é o teu pombinho, mas sim o sol nascente, que brilha na chaminé?

Entretanto, o menino foi, pouco a pouco, marcando o caminho com as migalhas.

Dessa vez a madrastra levou as crianças ainda mais para o interior da floresta, para um lugar onde jamais haviam estado. Acenderam, novamente, uma grande fogueira e ela disse-lhes:

— Ficai aqui, quietinhos, meninos. Quando estiverdes cansados, deitai-vos e dormi um pouco. Enquanto isso, nós iremos rachar lenha e, à tarde, ao terminar nosso trabalho, viremos buscar-vos.

Ao meio-dia, Maria repartiu seu pedaço de pão com o irmão. Depois adormeceram e anoiteceu, mas ninguém foi buscá-los. Acordaram quando a noite ia alta, e a menina começou a chorar. João consolou-a, dizendo:

— Espera até surgir a lua, aí então veremos as migalhas de pão que espalhei e por elas encontraremos o caminho de casa.

Quando surgiu a lua, levantaram-se, mas não encontraram mais nem uma só migalha. Os passarinhos, que andavam por toda parte, tinham comido todas. João então disse à Maria:

— Não tem importância, vamos encontrar o caminho de qualquer maneira.

Não encontraram o caminho e andaram toda a noite e mais um dia inteiro sem conseguir sair da floresta. Estavam com uma fome tremenda, pois só tinham comido algumas amoras, e tão cansados que as pernas não se aguentavam mais. Então, deitaram-se debaixo de uma árvore e adormeceram.

Na manhã do terceiro dia, retornaram a procurar o caminho, mas cada vez se embrenhavam mais pela floresta e, se ninguém os ajudasse, certamente acabariam morrendo de fome.

Ao meio-dia, avistaram um lindo passarinho, branco como a neve, pousado num galho. Cantava tão lindamente que os meninos pararam para ouvi-lo. Quando acabou de cantar, saiu voando, e as crianças foram atrás dele. Assim chegaram a uma casinha onde o passarinho pousou no telhado. Aproximaram-se e viram que a casinha era feita de pão de ló e coberta de chocolate, com janelinhas de açúcar.

— Oba! — exclamou o menino satisfeito. — Podemos fazer uma excelente refeição. Eu comerei um pedaço do telhado e tu, Maria, podes comer um pedaço da janela: é doce.

João subiu na ponta dos pés, estendeu as mãos e arrancou um pedaço de telhado para provar. Maria começou a lambear os vidros da janela. Então, de

dentro da casa, saiu uma vozinha estridente:

— Rapa, rapa, rapinha,
Quem rapa a minha casinha?

Os meninos responderam:

— O vento, sou eu,
O filho do céu.

E continuaram comendo, sem se perturbar. João, que achava o telhado delicioso, arrancou um belo pedaço e Maria arrancou um vidro inteiro, redondo. Sentou-se no chão e comeu-o deliciada.

Mas, de repente, abriu-se a porta e num passo trôpego saiu uma velha bem idosa, apoiada numa muleta. João e Maria assustaram-se de tal maneira que deixaram cair o que tinham nas mãos. A velhinha, porém, disse-lhes:

— Ah, meus queridos meninos, quem vos trouxe aqui? Entrai e ficai comigo, aqui nenhum mal vos acontecerá.

Pegou-os pela mão e levou-os para dentro da casinha. Aí serviu-lhes uma deliciosa refeição, com leite e bolinhos, maçãs e nozes. Depois foram

preparadas para eles duas lindas caminhas, muito limpas e alvas; João e Maria, muito cansados, deitaram-se, acreditando estar no céu.

A velha fingia ser muito boa, mas na verdade era uma bruxa muito má, que atraía as crianças, por isso construiu a casinha de pão de ló. E, quando caía alguma criança em suas mãos, ela matava-a, cozinhava-a e comia-a, e esse era um dia de festa.

As bruxas, geralmente, não enxergam bem e têm os olhos vermelhos, mas são dotadas de um olfato muito agudo, como os animais, o que lhes permite sentir o cheiro de uma criança de longe. Portanto, quando João e Maria se aproximaram da casa, ela riu, dizendo com os seus botões: “Estes caíram em meu poder, não me escaparão mais.”

Pela manhã, bem cedinho, antes que os meninos acordassem, levantou-se e foi espiá-los. Vendo-os bochechudos e coradinhos, a dormir como dois anjinhos, murmurou: “Que petisco delicioso vou ter!” E agarrando João, levou-o para um chiqueirinho, trancando-o dentro das grades de ferro. De nada lhe adiantou gritar e espernear.

Depois foi ter com Maria. Sacudiu a menina e gritou:

— Levanta-te, preguiçosa! Vai buscar água e prepara uma boa comidinha para teu irmão, que está preso no chiqueirinho e deve engordar. Pois, assim que estiver bem gordinho, quero comê-lo.

Maria começou a chorar copiosamente, mas seu pranto foi inútil e teve mesmo de fazer o que lhe ordenava a perversa bruxa.

Maria, então, preparava as refeições mais requintadas para o irmão, enquanto ela ficava só com as sobras. Cada manhã a velha ia até junto da grade e dizia:

— João, mostra-me teu dedinho, quero ver se está gordinho!

João, porém, mostrava-lhe sempre um ossinho e a velha, que não enxergava nem um palmo diante do nariz, julgava que fosse o dedo do menino e ficava muito admirada por ele nunca engordar. Passadas quatro semanas, visto que João continuava sempre magro, perdeu a paciência e resolveu não esperar mais.

— Vamos, Maria — ordenou —, traz água depressa. Gordo ou magro não importa, o matarei assim mesmo e amanhã o comerei.

Como chorou a pobre irmã ao ter de trazer a água! Como lhe corriam rios de lágrimas pelo rosto!

— Ah, Deus bondoso, ajuda-nos! — implorava ela. — Antes nos tivessem devorado as feras no meio da floresta! Pelo menos teríamos morrido juntos!

— Deixa de lamentações — gritou-lhe a velha —, elas de nada adiantam. Pela manhã, bem cedinho, Maria teve de ir buscar água, encher o caldeirão e acender o fogo.

— Primeiro vamos assar o pão, já preparei a massa — disse a bruxa — e já acendi o forno.

Empurrou a pobre Maria para perto do forno do qual saíram grandes labaredas.

— Entra lá dentro — disse a velha — e vê se já está bem quente para poder assar o pão.

Assim, pensava a bruxa, quando Maria entrasse lá dentro, fecharia a boca do forno e a deixaria assar para comê-la também. A menina, porém, adivinhando sua intenção, disse:

— Eu não sei como se faz! Como é que se entra?

— Tonta, estúpida — disse a velha —, a abertura é bastante grande, olha, até eu poderia entrar!

Assim dizendo, abeirou-se da boca do forno, aproximando a cabeça. Maria, então, com um forte empurrão a fez entrar no forno e fechou rapidamente a porta de ferro com o cadeado. Uh! Que berros horríveis soltava a bruxa! Maria, porém, saiu correndo e a velha acabou morrendo, miseravelmente queimada.

Chegando ao galinheiro, a menina abriu a portinhola, dizendo ao irmão:

— João, corre, estamos livres. A velha bruxa morreu.

João então saiu pulando, alegre como um passarinho, ao lhe abrirem a gaiola. Com que felicidade se abraçaram e se beijaram, rindo e dançando! Como nada mais tinham a temer, percorreram a casinha da bruxa e viram espalhadas pelos cantos grandes arcas cheias de pérolas e pedras preciosas.

— Estas são bem melhores do que as pedrinhas lá de casa! — disse João, enquanto ia enchendo os bolsos até não poder mais.

— Eu também vou levar! — disse Maria, e foi enchendo o avental.

— Agora vamo-nos embora daqui — disse o irmão —, temos que sair da floresta da bruxa.

Após terem andado durante algumas horas, chegaram à margem de um rio muito largo.

— Não vamos conseguir atravessá-lo — disse João —, não vejo nem uma ponte.

— Nem mesmo um barquinho — disse a irmã —, mas olha, aí vem uma pata. Se lhe pedirmos, ela certamente nos ajudará a atravessar:

— Patinha, patinha,
Aqui estão João e Maria,
Não podemos passar,
Queres nos levar?

A pata se aproximou da margem e João sentou nas suas costas, dizendo à irmã que também sentasse, bem juntinho dele. Mas Maria respondeu:

— Vai ficar muito pesado. É melhor que ela nos leve um de cada vez.

Assim fez a boa patinha. E quando felizmente chegaram ao outro lado, depois de caminharem bastante, a floresta foi-se tornando mais familiar até que finalmente viram a casa do pai. Correram em sua direção e, lá dentro, o abraçaram e o cobriram de beijos.

O pobre homem nunca mais tivera uma hora feliz desde que abandonara as crianças no meio da floresta. A mulher (para felicidade de todos) havia morrido. Então Maria sacudiu o avental, deixando rolar pelo chão as pedras preciosas. João acrescentou todo o conteúdo de seus bolsos.

Desde então, acabaram-se todos os sofrimentos e preocupações, e os três viveram felizes pelo resto da vida.

“Minha história acabou, um rato passou, quem o pegar poderá sua pele aproveitar.”



Branca de Neve



Uma vez, há muito, muito tempo, no meio do inverno, enquanto flocos de neve caíam do céu como fina plumagem, uma rainha, nobre e bela, estava ao pé de uma janela aberta, cuja moldura era de ébano. Bordava distraída e, de quando em quando, olhava os flocos caindo. Acabou espetando o dedo com a agulha e três gotinhas de sangue vermelho caíram na neve, produzindo um efeito tão lindo, o branco manchado de vermelho e realçado pela negra moldura da janela, que a rainha suspirou e disse para si mesma: “Quem me dera ter uma filha tão branca como a neve, os lábios vermelhos como o sangue e cabelos negros como o ébano!”

Algum tempo depois, teve uma filhinha cuja pele era tão branca como a neve, vermelha como o sangue e com cabelos negros como o ébano. Chamaram a menina de Branca de Neve, mas, quando a criança nasceu, a rainha faleceu.

Decorrido o ano de luto, o rei casou-se em segundas núpcias com uma princesa de grande beleza mas extremamente má e orgulhosa. Ela não podia suportar a ideia de que alguém pudesse ser mais bonita do que ela.

Possuía um espelho mágico, no qual frequentemente se mirava e admirava. E, então, dizia:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

O espelho respondia:

— É Vossa Realeza
a mulher mais bela
Desta redondeza.

Ela, então, sentia-se feliz porque sabia que o espelho só podia dizer a pura verdade.

No entanto, Branca de Neve crescia e aumentava em beleza e graça. Aos sete anos de idade era tão linda como a luz do dia e muito mais que a rainha. Um dia, a rainha, sua madrasta, consultou como de costume o espelho:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

O espelho respondeu:

— Real senhora, sois aqui a mais bela,
Porém Branca de Neve
É de vós ainda mais bela!

A rainha estremeceu e ficou verde de inveja. E daí, então, cada vez que via Branca de Neve seu coração tinha verdadeiros sobressaltos de raiva. Sua inveja e seus ciúmes desenvolviam-se qual erva daninha, não lhe dando mais sossego, nem de dia nem de noite. Enfim, já não podendo mais, mandou chamar um caçador e disse-lhe:

— Leva essa menina para a floresta, não quero mais tornar a vê-la. Leva-a como puderes para a floresta, onde tens de matá-la. Traze-me, porém, o coração e o fígado como prova de sua morte.

O caçador obedeceu. Levou a menina para a floresta, e, quando pegou o facão para enterrá-lo no coraçãozinho puro e inocente, ela desatou a chorar, implorando:

— Ah, querido caçador, deixa-me viver! Prometo ficar na floresta e nunca mais voltar ao castelo. Assim, quem te mandou matar-me nunca saberá que me poupaste a vida.

Era tão linda e meiga que o caçador, que era bom homem, apiedou-se dela e disse:

— Pois bem, então fuja, porque aqui você corre perigo!

Mas no fundo ele ia pensando: “Nada arrisco, pois os animais ferozes vão devorá-la em breve e a vontade da rainha será satisfeita sem que eu seja obrigado a suportar o peso de um crime.”

Justamente nesse momento passou correndo um veado. O caçador matou-o, tirou-lhe o coração e o fígado e levou-os à rainha como se fossem de Branca de Neve. O cozinheiro foi incumbido de prepará-los e assá-los. E, no

seu rancor feroz, a rainha comeu-os com alegria desumana, certa de estar comendo o coração e o fígado de Branca de Neve.

Durante esse tempo a pobre menina, que ficara abandonada na floresta, vagava trêmula de medo, sem saber o que fazer. Tudo a assustava, o ruído da brisa, uma folha que caía, enfim, tudo produzia nela um terrível pavor. Ouvindo o uivar dos lobos, pôs-se a correr cheia de terror; os pezinhos delicados feriam-se nas pedras pontiagudas e estava toda arranhada pelos espinhos. Passou ao pé de muitos animais ferozes, mas estes não lhe fizeram mal algum. Enfim, à noitinha, cansada e ofegante, encontrou-se diante de uma linda casinha situada no meio de uma clareira. Entrou, mas não viu ninguém.

Contudo, a casa devia ser habitada, pois notou que tudo estava muito limpo e arrumadinho, dava gosto de se ver. Numa graciosa mesa coberta com uma toalha branca, com sete pratinhos, sete colherinhas, sete garfinhos, sete faquinhos e sete copinhos, tudo perfeitamente em ordem. No quarto ao lado, viu sete caminhas uma junto da outra, com seus lençóis muito brancos.

Branca de Neve, que morria de fome e sede, não resistiu e comeu um pouquinho do que estava servido em cada pratinho, mas, não querendo privar nem um só dono de seu alimento, tirou somente um bocadinho de cada e bebeu apenas um golinho do vinho de cada um.

Depois, não aguentando a canseira, foi deitar-se numa caminha, mas a primeira era curta demais, a segunda muito estreita, experimentando-as todas até que a sétima tinha a medida certa. Então, fez sua oração e logo adormeceu profundamente.

Ao anoitecer, chegaram os donos da casa. Eram os sete anões, que trabalhavam durante o dia na escavação de minério na montanha. Cada qual acendeu uma lanterninha e, quando a casa se iluminou, viram que alguém entrara em sua casa, porque não estava tudo na ordem perfeita conforme haviam deixado ao sair.

Sentaram-se à mesa, e, então, disse o primeiro:

— Quem mexeu na minha cadeirinha?

O segundo:

— Quem comeu do meu pratinho?

O terceiro:

— Quem tocou no meu pãozinho?

O quarto:

— Quem usou o meu garfinho?

O quinto:

— Quem tirou um pouco da minha verdurinha?

O sexto:

— Quem cortou com a minha facinha?

E o sétimo:

— Quem bebeu do meu copinho?

Depois da refeição, foram para o quarto e notaram logo as caminhas amassadas. O primeiro reclamou:

— Quem deitou na minha caminha?

— E na minha? E na minha? — gritaram os outros, cada qual examinando a própria cama.

Enfim, o sétimo descobriu Branca de Neve dormindo a sono solto na sua caminha. Correram todos com suas lanterninhas e cheios de admiração exclamaram:

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Que linda menina!

Ficaram tão admirados com ela que não quiseram acordá-la e deixaram-na dormir tranquilamente. O sétimo anão dormiu uma hora com cada um de seus companheiros. E assim passou a noite.

No dia seguinte, quando Branca de Neve acordou e se levantou, ficou muito assustada ao ver os sete anões. Mas eles sorriram-lhe e perguntaram com a maior amabilidade:

— Como te chamas?

— Chamo-me Branca de Neve — respondeu ela.

— Como vieste aqui à nossa casa?

Ela contou-lhes como sua madrasta mandara matá-la e como o caçador lhe permitira que vivesse na floresta. Após ter corrido o dia todo, chegara ali e, vendo a linda casinha, entrara para descansar um pouco. Os anões perguntaram-lhe:

— Queres ficar conosco? Aqui não te faltará nada, só tens que cuidar da casa, fazer nossa comida, lavar e passar nossa roupa, coser, tecer nossas meias e manter tudo muito limpo e em ordem, mas, quando tiveres acabado o teu trabalho, serás a nossa rainha.

— Sim — disse a menina —, ficarei convosco de todo o coração!

E ficou morando com eles, procurando manter tudo sempre em ordem. Pela manhã, eles partiam para as cavernas em busca de ouro e minérios e, à noite, quando voltavam, todos jantavam juntos muito alegres. Como a menina ficava sozinha durante o dia, os anões advertiram-na:

— Toma cuidado com a tua madrasta. Não tardará a saber onde estás, por isso, durante nossa ausência, não deixes entrar ninguém aqui.

A rainha, entretanto, certa de ter comido o fígado e o coração de Branca de Neve, vivia despreocupada e pensava, satisfeita, que era novamente a primeira e mais bela mulher do reino. Certo dia, porém, foi consultar o espelho, certa de que lhe responderia não ter mais nenhuma rival em beldade.

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

Imaginem a sua raiva quando o espelho lhe respondeu:

— Real senhora, do país sois a mais formosa,
Mas Branca de Neve, que por trás dos montes vive
e em casa dos sete anões,
é de vós mil vezes mais formosa!

A rainha ficou furiosa, pois sabia que o espelho não podia mentir. Percebeu, assim, que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava a viver. Novamente devorada pelo ciúme e pela inveja, só pensava numa maneira de fazer a menina desaparecer.

Pensou, pensou, pensou, depois pintou o rosto e disfarçou-se de velha vendedora de quinquilharias, completamente irreconhecível. Assim disfarçada, atravessou as sete montanhas e foi à casa dos sete anões. Chegando lá, bateu à porta e gritou:

— Belas coisas para vender, belas coisas. Quem quer comprar?

Branca de Neve, que estava no primeiro andar e se aborrecia por ficar sozinha todo o santo dia, abriu a janela e perguntou-lhe o que tinha para vender.

— Ah! Coisas lindíssimas — respondeu a velha —, olhe este fino e elegante cinto.

E mostrou um cinto de cetim cor-de-rosa, todo de seda colorida. “Posso deixar esta boa mulher. Posso deixar entrar sem perigo”, calculou Branca de Neve. Então desceu, puxou o ferrolho e comprou o cinto. Mas a velha disse-lhe:

— Tu não vai conseguir sozinha! Vem, desta vez eu te ajudarei a fazê-lo como se deve.

A menina se aproximou confiante na frente da velha, deixando que lhe abotoasse o cinto. Então a cruel inimiga, mais que depressa, apertou-o com tanta força que a menina perdeu a respiração e caiu desacordada no chão.

— Agora sim! — exclamou a rainha, muito contente. — Já foste a mais bela!

E fugiu rapidamente, voltando ao castelo.

Mas, felizmente, os anões, nesse dia, tendo terminado o trabalho mais cedo que de costume, voltaram logo para casa. E qual não foi seu susto ao verem a querida Branca de Neve estendida no chão, rígida como se estivesse morta! Ergueram-na e viram que o cinto apertava demais sua cinturinha. Logo o desabotoaram e ela começou a respirar levemente, e pouco a pouco voltou a si e pôde contar o que aconteceu. Os anões disseram-lhe:

— Foste muito imprudente. Aquela velha não era senão a tua horrível madrasta. Portanto, no futuro, debes ter cuidado e não deixes entrar mais ninguém quando não estivermos em casa.

A rainha malvada, logo que chegou ao castelo, correu ao espelho, esperando, enfim, ouvi-lo proclamar a sua absoluta beleza, o que para ela

soava mais deliciosamente que tudo, e perguntou:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

E o espelho respondeu:

— Real senhora, do país sois a mais formosa,
Mas Branca de Neve, que por trás dos montes vive
e em casa dos sete anões,
é de vós mil vezes mais formosa!

A essas palavras, a rainha sentiu o sangue gelar nas suas veias. Empalideceu de inveja e, depois, torcendo-se de raiva, compreendeu que a rival ainda estava viva. Pensou novamente num meio de se livrar dela, causa de seu rancor.

“Ah, desta vez hei de arranjar alguma coisa que será a tua ruína!” E, como entendia de bruxarias, pegou um belo pente cravejado de pérolas e o mergulhou num veneno feito por ela própria.

Depois, disfarçando-se de outro modo, dirigiu-se para a casa dos sete anões. Bateu à porta, gritando:

— Belas coisas para vender! Coisas bonitas e baratas. Quem quer comprar?

Branca de Neve abriu a janela e disse:

— Podeis seguir vosso caminho, boa mulher. Não posso abrir a porta para ninguém.

— Mas olhar, apenas, não te será proibido! — disse a velha. — Olha este pente cravejado de pérolas e digno de uma princesa. Pega nele e admira-o de perto, nada pagarás por isso!

Branca de Neve deixou-se tentar pelo brilho das pérolas. Depois de o ter examinado bem, quis comprá-lo e abriu a porta à velha, que lhe disse:

— Espera, vou ajudar-te a pôr o pente nos teus lindos e sedosos cabelos.

A pobre menina, sem suspeitar de nada, deixou-a entrar. A velha enterrou-lhe o pente com violência. Mal os dentes tocaram na pele, Branca de Neve caiu fulminada sob a ação do veneno.

— Eis-te enfim bem morta, Flor de Beleza! Agora tudo se acabou para ti! — exclamou a rainha, soltando uma gargalhada medonha e apressando-se a regressar ao castelo.

Por grande sorte da menina, já estava anoitecendo e os anões não tardaram a chegar. Quando viram Branca de Neve estendida no chão, desacordada, logo adivinharam nisso a mão da madrasta. Procuraram o que lhe poderia ter feito e encontraram o pente envenenado. Assim que o tiraram da cabeça, a menina voltou a si e pôde contar o que sucedera. Novamente pediram para que tomasse cuidado e não abrisse a porta a ninguém, dizendo:

— Foi ainda tua madrasta quem te pregou essa peça. É preciso que nos prometas que nunca mais abrirás a porta, seja lá a quem for.

Branca de Neve prometeu tudo o que os anões lhe pediram.

De volta ao castelo, a rainha correu até o espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela

De toda a redondeza?

Mas a resposta foi a mesma. O espelho repetiu:

— Real senhora, do país sois a mais formosa,
Mas Branca de Neve. que por trás dos montes vive
e em casa dos sete anões,
é de vós mil vezes mais formosa!

Ao ouvir tais palavras, ela teve um acesso de raiva e gritou:

— Hás de morrer, criatura miserável, ainda que isso custe minha própria vida!!

Levou vários dias consultando todos os livros de bruxaria. Finalmente fechou-se num quarto secreto, onde jamais entrava viva alma e aí preparou uma maçã envenenada. Por fora era mesmo tentadora, branca e vermelha, e com um perfume tão delicioso que despertava a gula de qualquer um, mas, quem provasse um pedacinho, teria morte infalível.

Tendo assim preparado a maçã, pintou o rosto e disfarçou-se de camponesa e como tal encaminhou-se, atravessando as sete montanhas e indo bater à casa dos sete anões. Branca de Neve saiu à janela e disse:

— Vá embora, boa mulher, não posso abrir a ninguém. Os sete anões me proibiram.

— Não preciso entrar — respondeu a falsa camponesa —, podes ver as maçãs pela janela, se as quiseres comprar. Eu venderei minhas maçãs em

outro lugar, mas quero dar-te esta de presente. Vê como ela é magnífica! Prova um pedacinho, estou certa de que a acharás deliciosa!

— Não, não — respondeu Branca de Neve —, não me atrevo a aceitar.

— Tem medo que esteja envenenada? — perguntou a mulher. — Olha, vou comer a metade da maçã e tu depois poderás comer o resto para veres que deliciosa é ela.

Cortou a maçã e pôs-se a comer a parte mais branca, pois a maçã havia sido habilmente preparada, de maneira que o veneno estava todo concentrado na parte vermelha. Branca de Neve, tranquilizada, olhava para a linda maçã e, quando viu a camponesa mastigar a sua metade, não resistiu, estendeu a mão e pegou a parte envenenada. Logo que deu a primeira mordida, caiu no chão, sem vida. Então a madrasta malvada contemplou-a com ar cruel. Depois, saltando e rindo com uma alegria tremenda, exclamou:

— Branca como a neve, rosada como o sangue e negra como o ébano! Eis-te, enfim, morta, morta, criatura atormentadora! Desta vez nem todos os anões do mundo poderão despertar-te!

Apressou-se a voltar ao castelo. Mal chegou, dirigiu-se ao espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:
Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

Desta vez o espelho respondeu:

— De toda a redondeza, agora,
Real senhora,
sois vós a mais formosa!

Então seu coração tranquilizou-se, enfim, tanto quanto é possível a um coração invejoso e mau.

Os anões, regressando à noitinha, encontraram Branca de Neve estendida no chão, morta. Levantaram-na e procuraram, em vão, o que pudera causar-lhe a morte. Procuraram alguma coisa no vestido, pentearam-lhe o cabelo, lavaram-na com água e vinho, mas tudo foi inútil: a menina estava realmente morta.

Então, colocaram-na numa cama e choraram durante três dias. Depois pensaram em enterrá-la, porém ela conservava as cores frescas e rosadas como se estivesse dormindo. Eles então disseram:

— Não, não podemos enterrá-la.

Fabricaram um caixão de cristal para que fosse visível de todos os lados e gravaram na tampa, com letras de ouro, o seu nome e sua origem real. Colocaram-na dentro e levaram-na para o cume da montanha vizinha, onde ficou exposta, e cada um por sua vez ficava ao pé dela para protegê-la dos animais ferozes. Mas podiam dispensar-se disso. Os animais todos da floresta, mesmo os abutres, os lobos, os ursos, e as delicadas pombinhas, vinham chorar ao pé da inocente menina.

Muitos anos se passaram e Branca de Neve parecia estar dormindo, pois sua tez era ainda como a desejara a mãe: branca como a neve, rosada como o sangue e os longos cabelos negros como ébano. Não tinha o menor sinal de morte.

Um belo dia, um jovem príncipe, filho de um poderoso rei, tendo-se extraviado durante a caça na floresta, chegou à montanha onde Branca de Neve repousava. Viu-a e ficou deslumbrado com tanta beleza, leu o que estava gravado em letras de ouro e não a esqueceu mais.

Então perguntou aos anões:

— Dai-me esse caixão. Eu vos darei todos os meus tesouros para poder levá-lo ao meu castelo.

Mas os anões responderam:

— Não, não daremos a nossa querida filha nem por todo o ouro do mundo.

O príncipe caiu em profunda tristeza e permaneceu extasiado na contemplação da beleza tão pura de Branca de Neve, e tornou a pedir aos anões:

— Por favor, deixem-me levá-la, já não posso mais viver sem tê-la diante de meus olhos. Quero dar-lhe as honras que só se prestam ao ser mais amado neste mundo.

Ao ouvirem essas palavras, e vendo a grande tristeza do príncipe, os anões compadeceram-se dele e deram-lhe Branca de Neve, certos de que ele não deixaria de colocá-la na sala de honra do seu castelo.

O príncipe mandou que seus empregados pegassem o caixão e o carregassem nos ombros. Aconteceu, porém, que um dos criados tropeçou numa raiz e, com o solavanco, saltou fora da sua garganta um pedaço de maçã que ela mordera mas não engolira. Então Branca de Neve despertou, respirou profundamente, abriu os olhos, levantou a tampa do caixão e sentou-se: estava viva.

— Meu Deus, onde estou? — exclamou ela.

O príncipe, radiante de alegria, disse-lhe:

— Estás comigo. Agora acabaram todos os teus tormentos. És para mim mais preciosa que tudo quanto há no mundo. Vamos ao castelo de meu pai, que é um grande e poderoso rei, e serás a minha esposa bem-amada.

Como o príncipe era encantador e muito gentil, Branca de Neve aceitou-lhe a mão. O rei, muito satisfeito com a escolha do filho, mandou preparar tudo para umas núpcias suntuosas. Para a festa, além dos anões, foi convidada também a má rainha que, ignorando quem era a noiva, vestiu os seus mais ricos trajes, para ofuscar todas as damas e donzelas. Depois de vestida, foi contemplar-se no espelho, certa de ouvir proclamada sua beleza triunfante. Perguntou:

— Espelho, espelho meu,
Responde-me com franqueza:

Qual a mulher mais bela
De toda a redondeza?

Qual não foi seu espanto ao ouvi-lo responder:

— Real senhora, de todas aqui
sois a mais bela agora,
Mas a noiva do filho do rei,
é de vós mil vezes mais formosa!

A perversa mulher começou a gritar e ficou tão exasperada que não podia controlar-se e não queria mais ir à festa. Entretanto, como a inveja não lhe dava tréguas, sentiu curiosidade de ver a jovem rainha.

Quando fez a entrada no castelo, perante a corte reunida, Branca de Neve logo reconheceu sua madrasta e quase desmaiou de susto. A horrível mulher fitava-a como uma serpente. Mas sobre o braseiro já estavam prontos um par de sapatos de ferro, que haviam ficado a esquentar em ponto de brasa. Os anões apoderaram-se dela e, calçando-lhe à força aqueles sapatos quentes como fogo, obrigaram-na a dançar, a dançar, a dançar, até cair morta no chão.

Em seguida, realizou-se a festa com um esplendor jamais visto sobre a terra, e todos, grandes e pequenos, ficaram profundamente alegres.



Cinderela



A esposa de um homem muito rico adoeceu gravemente. Sentindo que seu fim estava próximo, chamou a filha única ao pé da cama e disse-lhe:

— Querida filha, conserva-te sempre boa e piedosa, assim o bom Deus te ajudará e eu, do céu, velarei por ti e te protegerei sempre.

Pouco depois, fechou os olhos e morreu. A menina ia todos os dias rezar e chorar sobre o túmulo de sua mãe, sempre muito boa e piedosa.

Chegou o inverno, estendendo seu manto branco sobre a sepultura, mas, quando começou a primavera e o sol derreteu o manto branco de neve, o viúvo casou-se novamente.

A segunda mulher trazia consigo duas filhas, bonitas, mas de coração cruel e feio. Começaram, então, dias bem tristes para a pobre enteada.

— Essa estúpida, palerma — diziam as recém-chegadas —, acha que vai ficar na sala conosco? Quem come o pão tem de ganhá-lo! Fora daqui, faxineira!

Tomaram-lhe os belos vestidos, deram-lhe uma roupa cinzenta para vestir e um par de tamancos.

— Vejam só! Vejam como está enfeitada a rica princesa! — exclamavam rindo e zombando. Depois, empurraram-na para a cozinha.

Nesse local, tinha que arcar com os serviços mais pesados desde a manhã até a noite. Tinha de levantar-se de madrugada, trazer a água, acender o fogo, cozinhar e lavar a roupa. Ainda por cima, tinha de suportar todas as provocações que as maldosas irmãs não cessavam de fazer-lhe. Esparramavam ervilhas e lentilhas nas cinzas do fogão só para obrigá-la a catá-las uma a uma. À noite, após tamanha canseira, não dispunha de cama para deitar-se e era obrigada a dormir no borralho da lareira, razão por que vivia suja e cheia de cinzas. As outras, então, apelidaram-na de Cinderela.

Certa vez, tendo de ir a uma feira, o pai perguntou às duas enteadas o que desejavam que lhes trouxesse.

— Eu quero belos vestidos — disse a primeira.

— E eu, pérolas e pedras preciosas — disse a segunda.

— E tu, Cinderela, que desejas? — perguntou-lhe o pai.

— Papai, eu quero que apanhes e me tragas o primeiro galho que te roçar o chapéu quando voltares para casa.

O pai, então, comprou lindos vestidos, pérolas e pedras preciosas para as duas enteadas, conforme lhe pediram. Ao regressar para casa, vinha cavalcando por entre algumas moitas e um galho de aveleira roçou-lhe o chapéu, derrubando-o. Quebrou, então, o ramo e levou-o consigo. Ao chegar em casa, distribuiu às enteadas os vestidos e as joias, e à Cinderela deu o ramo de aveleira.

Ela agradeceu muito, depois correu ao túmulo da mãe e plantou o ramo, chorando tanto que as lágrimas o regaram.

O ramo cresceu e tornou-se uma linda árvore. Cinderela rezava e chorava sobre a sepultura três vezes por dia e, em todas elas pousava na árvore um passarinho muito branco, o qual, quando ela formulava algum desejo, lhe jogava logo o que pedia.

Ora, aconteceu que o rei daria uma grande festa, que duraria três dias, e convidou quantas donzelas havia no reino a fim de que o filho escolhesse entre elas uma noiva. As duas irmãs, ouvindo que também participariam da festa, ficaram radiantes de alegria e maldosamente chamaram Cinderela, ordenando-lhe:

— Penteia-nos o cabelo, engraxa-nos os sapatos e verifica se as fivelas estão bem seguras, pois temos que ir à festa no castelo do rei.

Cinderela obedeceu com a mesma bondade de sempre, mas não podia conter as lágrimas pois também gostaria de ir ao baile, portanto, foi pedir à madrasta que lhe desse permissão para ir, mas esta exclamou:

— Tu! Cinderela! Mas se estás sempre tão suja e cheia de cinzas, como pretendes ir à festa? Não tens vestidos nem sapatos e queres ir dançar?

A moça, porém, voltou a insistir e a madrasta acabou dizendo:

— Despejei um prato de lentilhas na cinza. Se dentro de duas horas conseguires catá-las todas, poderás ir.

A menina dirigiu-se para a horta atrás da casa e aí chamou:

— Queridas pombinhas, e vós mansas rolinhas, e vós pássaros que voais pelo céu, vinde ajudar-me a catar as lentilhas.

— As boas no prato,
as ruins no papo.

Logo entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas, depois as rolinhas e, por fim, esvoaçando, entraram todos os passarinhos do céu, indo colocar-se todos juntos da cinza. As pombinhas acenaram que sim com as cabecinhas e puseram-se pic, pic, pic, pic, começaram a catar. Então, os outros imitaram-nas, e, pic, pic, pic, pic, recolheram no prato todos os grãos melhores. Antes que tivesse decorrido uma hora, tinham terminado a tarefa e saíram voando por onde tinham vindo.

Cinderela, felicíssima, foi correndo levar o prato à madrasta, certa de poder ir ao baile, mas a madrasta disse-lhe:

— Não podes ir, Cinderela, não tens vestido e não sabes dançar. Todos zombariam de ti.

Cinderela desatou a chorar. Então, a madrasta disse-lhe:

— Se conseguires numa hora catar das cinzas dois pratos cheios de lentilhas irás também. — Pensou consigo mesma: “Não o conseguirá nunca!”

Depois que a madrasta despejou os dois pratos de lentilhas nas cinzas, a moça foi à horta atrás da casa e chamou:

— Queridas pombinhas, e vós mansas rolinhas, e vós pássaros que voais pelo céu, vinde ajudar-me a catar as lentilhas.

— As boas no prato,
as ruins no papo.

E pela janela da cozinha entraram voando duas pombas brancas, depois as rolinhas e por fim, esvoaçando, todos os passarinhos do céu, indo colocar-se todos junto das cinzas. As pombinhas acenaram que sim com as cabecinhas e, pic, pic, pic, pic, começaram a catar. Os outros então imitaram-nas e, pic, pic, pic, pic, em breve recolheram os grãos melhores nos pratos. Em menos de meia hora estava terminada a tarefa e saíram voando pelo mesmo caminho por onde vieram. A moça, radiante de alegria, levou os pratos à madrasta, certa de que agora poderia ir à festa. Mas a madrasta disse-lhe:

— É tudo inútil, Cinderela. Não podes ir conosco, porque não tens vestidos e não sabes dançar. Tu nos envergonharias a todos.

Deu-lhe as costas e saiu apressadamente, acompanhada de suas orgulhosas filhas.

Tendo ficado só, Cinderela correu para o túmulo da mãe e sob a aveleira exclamou:

— Minha árvore amada,
Agita teus ramos e

Cubra-me de ouro e prata!

O pássaro, então, que estava pousado na árvore, atirou-lhe um lindo vestido de ouro e prata e sapatinhos bordados de seda e prata. Com a maior rapidez, ela vestiu-se e foi à festa. Estava tão linda que as irmãs e a madrasta não a reconheceram e julgaram que fosse uma princesa desconhecida, assim trajada de ouro e prata.

Nem de longe pensaram em Cinderela, julgando-a em casa, em meio à sujeira, catando lentilhas da cinza. O filho do rei foi ao seu encontro e, tomando-a pela mão, dançou com ela a noite toda. Não quis dançar com nenhuma outra, não abandonou sua mão e, quando alguém a convidava para dançar, ele dizia:

— Não, esta é minha dama.

Cinderela dançou até bem tarde, depois quis ir-se embora, mas o príncipe disse:

— Vou acompanhar-te. — Isso porque desejava saber de onde vinha tão encantadora moça.

Ela, porém, conseguiu desvencilhar-se e pulou para o pombal. O príncipe esperou o pai dela chegar e contou-lhe que a linda desconhecida se meteu no pombal. O rei pensou: “Seria por acaso Cinderela?”, e mandou trazer um machado para derrubar o pombal, mas dentro dele não encontraram ninguém.

Quando as outras chegaram em casa, Cinderela já estava encolhida no borralho, metida nos seus farrapos sujos. Uma lamparina ardia fraca sobre a lareira.

Ela havia saído pelo lado de trás do pombal e, correndo, fora para a aveleira. Lá, tirou os ricos trajes e os deixou sobre o túmulo, onde o passarinho foi buscá-los. Depois, enfiando novamente sua imunda roupa parda, fora deitar-se nas cinzas do borralho.

No dia seguinte, tendo recomeçado a festa, os pais e as irmãs foram-se, deixando sozinha Cinderela. Esta voltou ao túmulo e de novo, sob a aveleira, disse:

— Minha árvore amada,
Agita teus ramos e
Cubra-me de ouro e prata!

O pássaro, então, deixou cair um traje ainda mais bonito que o primeiro. E quando, assim enfeitada, apareceu no baile, todos ficaram completamente admirados pela sua beleza. O príncipe esperava que ela comparecesse e, vendo-a, tomou-a pela mão e dançou somente com ela. Quando alguém a convidava, ele dizia:

— Não, esta é minha dama.

Chegando a meia-noite ela foi-se embora. O príncipe seguiu-a para ver onde ela entrava, mas, com uma rapidez incrível, a moça fugiu para o jardim. Havia lá uma bela árvore muito alta da qual pendiam magníficas peras. Com a ligeireza de um esquilo, ela subiu na árvore, escondendo-se entre a galharia, e o príncipe não conseguiu ver por onde ela desaparecera. E quando viu o pai dela chegar, disse-lhe:

— A jovem desconhecida fugiu e subiu na pereira.

O pai ficou pensativo: “Seria Cinderela?” Então mandou que trouxessem o machado e cortassem a árvore, mas não havia ninguém lá em cima.

Quando as outras entraram na cozinha, viram Cinderela deitada como de costume nas cinzas do borrarho. É que ela havia pulado pelo outro lado da árvore e, correndo, fora à sepultura. Deixara ao pássaro seus ricos trajes, sob a aveleira, e vestira rapidamente a suja roupa parda.

No terceiro dia, quando os pais e as irmãs se foram para a festa, Cinderela tornou a voltar à sepultura da mãe, dizendo à aveleira:

— Minha árvore amada,
Agita teus ramos e
Cubra-me de ouro e prata!

E o pássaro prontamente atirou-lhe um vestido tão magnífico e reluzente como nunca tinha vestido, além dos sapatinhos que eram de ouro. Quando ela surgiu na festa, assim enfeitada, os convidados ficaram mudos de admiração. O príncipe dançou somente com ela e, se alguém a convidava, dizia:

— Não, esta é minha dama.

À meia-noite, Cinderela teve de ir embora e o príncipe quis acompanhá-la, mas ela fugiu tão velozmente que não lhe foi possível segui-la. Entretanto, usando de astúcia, o príncipe mandara passar uma camada de piche na escada, de modo que, quando a moça fugiu, seu sapatinho esquerdo ficou grudado. Ele o apanhou: era um minúsculo sapatinho elegante e inteiro de ouro. Na manhã seguinte, foi à casa do pai das moças e disse:

— Só me casarei com a moça à qual servir este sapatinho de ouro.

As duas irmãs ficaram loucas de alegria, pois tinham o pé bastante pequeno. A mais velha, então, levou o sapato para o quarto e tentou calçá-lo diante da mãe, mas o dedo polegar não cabia dentro do pequeno sapatinho. Então a mãe deu-lhe uma faca e disse:

— Corta o dedo, minha filha. Quando fores rainha não terás mais que andar a pé.

A moça cortou o dedo, enfiou o pé no sapato, disfarçou a dor e foi ao encontro do príncipe. Este, então, levou-a no seu cavalo como noiva. Ao passarem perto da sepultura, duas pombinhas brancas, que estavam pousadas na aveleira, disseram:

— Olha lá, olha lá,
Sangue no sapato há.
A verdadeira noiva
Ainda em casa está.

O príncipe, voltando-se, olhou para o pé da noiva e viu sangue escorrendo. Então virou o cavalo e reconduziu a falsa noiva para sua casa, dizendo que não era aquela, e mandou que a irmã calçasse o sapato. Ela foi para o quarto e conseguiu enfiar os dedos. O calcanhar, porém, era muito grosso e não podia entrar. A mãe, então, deu-lhe uma faca e disse:

— Corta um pedaço do calcanhar, minha filha, pois, quando fores rainha, não precisarás mais andar a pé.

A moça cortou o pedaço do calcanhar, comprimiu o pé dentro do sapato, disfarçou a dor e foi ao encontro do príncipe. Este colocou-a sobre o cavalo como uma noiva e foi-se embora. Ao passar sob a aveleira, as duas pombinhas lá pousadas disseram:

— Olha lá, olha lá,
Sangue no sapato há.
A verdadeira noiva
Ainda em casa está.

Ele, então, olhou para o pé e viu sangue escorrendo no sapato e nas meias brancas. Então voltou com o cavalo e reconduziu a falsa noiva para casa.

— Esta também não é a verdadeira — disse. — Não tendes outras filhas?

— Não — respondeu o homem. — Temos aí apenas uma pequena Cinderela franzina, filha da minha primeira mulher, mas essa de maneira alguma poderá ser a noiva.

O príncipe desejou vê-la e mandou que a chamassem, mas a madrasta respondeu:

— Ah, não, anda sempre tão suja que não pode apresentar-se!

O príncipe não se convenceu, quis absolutamente vê-la e tiveram, pois, de chamá-la. Cinderela primeiro lavou bem as mãos e o rosto e depois foi fazer uma reverência ao príncipe. Este apresentou-lhe o sapatinho de ouro,

Cinderela sentou-se num banquinho, tirou do pé o pesado tamanco e com a maior facilidade calçou o sapatinho. Servia-lhe como uma luva. Quando ela se levantou, o príncipe olhou bem para o seu rosto e logo reconheceu a jovem com quem havia dançado.

— É esta a verdadeira noiva! — exclamou ele satisfeito.

A madrasta e as irmãs, pálidas de espanto e de raiva, viram-no colocar Cinderela sobre o cavalo e levá-la para o palácio. Ao passarem junto da azeiteira, as duas pombinhas brancas lá pousadas disseram:

— Olha lá, olha lá,
Sangue no sapato não há.
A verdadeira noiva
Já contigo está!

Depois desceram voando e pousaram nos ombros de Cinderela, uma de cada lado.

No dia do casamento, as falsas irmãs, querendo compartilhar de sua sorte, acompanharam-na. A caminho da igreja, a mais velha colocou-se à direita da noiva, e a mais nova, à esquerda. As pombas, então, arrancaram um olho de cada uma. Quando saíram da igreja, a irmã mais velha colocou-se à esquerda da noiva, e a mais nova, à direita. As pombas então arrancaram de cada uma o outro olho.

Assim foram punidas, com a cegueira, para o resto da vida, por terem sido tão falsas e perversas.



Rapunzel



ra uma vez, um homem e uma mulher que há muito tempo desejavam, em vão, um filho. Finalmente, um belo dia, a mulher percebeu que Deus atendera suas orações e lhe satisfaria o desejo.

O casal tinha nos fundos da casa uma janelinha que dava para um belíssimo jardim, todo cultivado, cheio de esplêndidas flores e hortaliças, mas o jardim era cercado de um muro alto e ninguém ousava entrar nele porque pertencia a uma feiticeira de grande poder e muito temida.

Um dia, a mulher estava à janela, olhando para o jardim. Viu um canteiro todo plantado de belos rabanetes, tão viçosos e verdinhos que ela ficou com uma vontade enorme de comê-los. O desejo aumentava cada dia mais e, como sabia que os rabanetes estavam fora de seu alcance, começou a emagrecer, tornando-se pálida e abatida. O marido, vendo isso, alarmou-se e perguntou:

— Que tens, minha querida mulher?

— Se não conseguir comer alguns daqueles rabanetes que estão no jardim atrás de nossa casa, eu certamente morrerei! — respondeu ela.

O marido, que a amava ternamente, pensou: “Antes de deixar tua mulher morrer, é preferível que vás apanhar aqueles rabanetes. Custe o que custar.”

Assim, ao cair da noite, saltou o muro do jardim da feiticeira, colheu rapidamente um punhado de rabanetes e levou-os à mulher. Ela preparou uma salada e comeu avidamente. Tão deliciosos lhe pareceram que, no dia seguinte, seu desejo triplicou. A fim de acalmá-la, o marido disse que voltaria outra vez ao jardim. Ao cair da noite, portanto, saltou o muro e, quando punha os pés no jardim, ficou tremendamente assustado, dando com a feiticeira à sua frente.

— Como te atreves — disse ela, encarando-o ameaçadoramente — entrar no meu jardim e, como um ladrão vulgar, roubar meus rabanetes? Isto te sairá caro!

— Ah — respondeu o homem —, tenha piedade de mim! Fui obrigado a isso por uma necessidade extrema. Minha mulher viu da janela vossos belos rabanetes e sentiu tal desejo que acabaria morrendo se não pudesse comê-los.

A raiva da feiticeira abrandou e ela, então, disse:

— Se as coisas são como dizes, permitirei que leves todos os rabanetes que queiras, com uma condição, porém: tens que dar-me a criança que tua mulher vai ter. Ela terá o melhor tratamento e dela cuidarei como se fosse sua mãe.

O pobre homem, tremendo de medo, prometeu tudo o que ela exigia e, assim que a mulher deu à luz uma linda menina, logo apareceu a feiticeira, que lhe pôs o nome de Rapunzel e levou-a consigo.

Rapunzel tornou-se a mais bela criança que havia sob o sol. Quando completou doze anos, a feiticeira trancou-a numa torre no meio da floresta, que não tinha escada nem porta, apenas uma minúscula janelinha no alto, bem no alto. Sempre que a feiticeira queria entrar, punha-se debaixo da janela e gritava:

— Rapunzel, Rapunzel!
Joga tuas tranças!

Rapunzel tinha longos cabelos, belíssimos, finos como fios de ouro! Quando ouvia a voz da feiticeira, soltava as tranças, prendia-as a um gancho da janela e estas caíam do comprimento de uns dez metros, e a feiticeira subia por elas como por uma escada.

Passaram-se alguns anos. Um dia, sucedeu que o filho do rei, cavalgando pela floresta, passou perto da torre. De repente, ouviu um canto tão lindo que parou para escutar. Era Rapunzel que, na sua solidão, matava o tempo cantando com sua linda voz.

O príncipe quis subir até onde ela estava, mas não encontrou nenhuma porta. Voltou para casa, mas aquele canto de tal maneira o havia comovido que voltava diariamente à floresta para ouvi-lo de novo.

Certo dia, encontrando-se oculto por uma árvore, viu a feiticeira aproximar-se e gritar:

— Rapunzel, Rapunzel!
Joga tuas tranças!

Rapunzel soltou as tranças e a feiticeira subiu até ela.

— Se esta é a escada pela qual se sobe, também tentarei a sorte — disse o príncipe.

No dia seguinte, ao cair da noite, ele postou-se debaixo da torre e gritou:

— Rapunzel, Rapunzel!
Joga tuas tranças!

Caíram até ele as tranças, pelas quais pôde subir.

Vendo-o entrar, Rapunzel assustou-se muito, pois jamais havia visto um homem, mas o filho do rei falou-lhe com grande doçura, contando-lhe que seu canto lhe penetrara no coração, comovendo-o profundamente e não lhe dando mais sossego. Queria muito conhecê-la.

Rapunzel, então, perdeu o medo e, quando ele lhe perguntou se o aceitaria como marido, vendo-o jovem e bonito, refletiu: “Certamente me amará mais

do que a minha Senhora.” Então, colocando sua mão na dele, respondeu que sim, mas:

— Com grande prazer iria contigo, entretanto não sei como descer daqui. Sempre que vieres, traze uma meada de seda. Eu a trançarei e farei uma escada. Assim que ficar pronta, descerei e tu me levarás no teu cavalo.

Combinaram que ele viria todas as noites, pois, de dia, vinha sempre a velha. A feiticeira de nada desconfiou, até que um dia Rapunzel perguntou-lhe:

— Senhora, por que demora tanto para subir? O jovem príncipe chega aqui num instante!

— Ah, menina fingida! — gritou a feiticeira. — Que ouço? Pensei ter-te afastado do mundo e, mesmo assim, me enganas?

Furibunda, agarrou os belos cabelos de Rapunzel, enrolou-o duas ou três vezes em torno da mão esquerda, com a direita apanhou uma tesoura e, zás-trás, cortou as ricas tranças, que rolaram ao chão. Foi tão cruel que, não satisfeita com isso, levou a pobre Rapunzel para um deserto, deixando-a viver ali em pranto e na maior miséria.

No mesmo dia em que expulsou Rapunzel, ao anoitecer, ela prendeu as tranças no gancho da janela e quando o príncipe chegou e gritou:

— Rapunzel, Rapunzel!
Joga tuas tranças!

Deixou-as cair da janela. Quando o príncipe subiu, em vez de encontrar a amada, defrontou-se com a feiticeira, que o encarava com os olhos cheios de ódio.

— Ah — exclamou irônica —, vieste buscar tua amada! O lindo pássaro, porém, bateu as asas, deixou o ninho e não cantará mais. O gato levou-o e a ti te arrancará os olhos. Rapunzel está perdida para ti, nunca mais a verás.

O príncipe, fora de si pelo desgosto, saltou desesperado para fora da janela. Conseguiu salvar a vida, mas, tendo caído sobre um espinheiro, teve seus olhos furados pelos espinhos. Cego, passou a vagar pela floresta. Não se alimentava senão de raízes e frutas silvestres, chorando sem parar e lamentando a perda de sua querida noiva.

Vagou assim, miseravelmente, durante alguns anos. Por fim chegou ao deserto onde vivia Rapunzel, na maior infelicidade, com seus dois gêmeos, um menino e uma menina, que tivera durante esse tempo. O príncipe ouviu uma voz que lhe pareceu bem sua conhecida. Deixou-se guiar por ela e, chegando a uma certa distância, Rapunzel reconheceu-o, e então correu para ele, abraçando-o e chorando ao mesmo tempo. Duas de suas lágrimas molharam os olhos dele, que então se iluminaram novamente, e ele voltou a enxergar como antes.

O príncipe levou Rapunzel e os filhos para o seu reino, sendo lá recebidos com grande alegria. E ali viveram alegres e tranquilos durante longos anos.



O rei sapo



há muito tempo, quando os desejos ainda podiam ser realizados, houve um Rei cujas filhas eram muito bonitas. A caçula, sobretudo, era tão linda que até o sol, que já vira tantas e tantas coisas, se admirava quando projetava os raios naquele rosto encantador. Perto do castelo, havia uma floresta sombria, e lá, debaixo de uma frondosa árvore, existia uma fonte de águas cristalinas. Nos dias de muito calor, a princesinha refugiava-se nesse recanto e, sentada à margem da fonte, distraía-se brincando com uma bola de ouro, que atirava ao ar e apanhava agilmente entre as mãos. Era o seu jogo predileto.

Certo dia, porém, quando assim se divertia, a bola fugiu-lhe das mãos, rolando para dentro da água. A princesa, desapontada, a seguiu com o olhar, mas a bola sumiu na água da fonte, que era tão profunda que não se via o fundo. Desatou, então, a chorar inconsolavelmente. E eis que, em meio aos lamentos, ouviu uma voz perguntar-lhe:

— Que tens, linda princesinha? Qual a razão desse pranto desolado, que comove até as pedras?

Ela olhou para todos os lados a fim de descobrir de onde vinha aquela voz e deparou com um sapo, que estendia para fora da água a cabeça feia.

— Ah! És tu, velho sapo? — perguntou a princesa. — Estou chorando porque perdi minha bola de ouro, que desapareceu dentro da água.

— Ora, não chores mais! — afirmou o sapo. — Vou ajudar-te a recuperá-la. Mas que me darás em troca, se eu trouxer tua bola?

— Tudo o que quiseres, bondoso sapo. Eu te darei meus vestidos, minhas pérolas e minhas joias preciosas, até mesmo a coroa de ouro que tenho na cabeça.

— Não preciso de nada disso, nem de vestidos, nem de joias, muito menos de sua coroa de ouro. Quero que goste de mim, que me deixe ser teu amigo e companheiro de brincadeiras. Quero que me deixe sentar contigo à mesa, comer no teu prato de ouro, beber no teu copo e dormir na tua cama. Se me prometer isto tudo, descerei ao fundo da fonte e trarei a bola de ouro — propôs o sapo.

— Claro! — respondeu ela. — Prometo tudo o que quiseres, contando que me tragas a bola.

Pensava, porém, consigo mesma: “O que é que está pretendendo este sapo tolo, que vive na água coaxando com os outros sapos? Jamais poderá ser amigo de uma pessoa!”

Confiando, pois, na promessa que lhe fora feita, o sapo mergulhou, reaparecendo um pouco depois com a bola de ouro, que atirou delicadamente ao gramado. A princesinha, radiante de alegria por ter recuperado o lindo brinquedo, agarrou-o e correu para casa.

— Espera! Espera! — gritava o pobre sapo. — Leva-me contigo, pois não posso correr como tu!

De nada lhe valia, porém, gritar com todas as forças dos pulmões o aflito “quac, quac, quac”. A filha do Rei não lhe deu a menor atenção. Correu para o palácio, onde logo esqueceu o pobre bichinho e a promessa que lhe fizera no momento de dificuldade.

No dia seguinte, quando se achava tranquilamente à mesa com o Rei e toda a corte, justamente quando comia no seu prato de ouro, ouviu: “plisch, plasch, plisch, plasch”, alguém subia a escadaria de mármore, avançando até chegar diante da porta. Ali bateu, gritando:

— Filha mais nova do Rei, abre a porta!

Ela correu a ver quem assim a chamava. Então, ao abrir a porta, viu à sua frente o pobre sapo. Fechou-a rapidamente e voltou a sentar-se à mesa, com o coração aos pulos. O rei, que a observava, percebeu tudo e perguntou:

— Que tens, minha filha? Há por acaso algum gigante aí fora querendo levar-te?

— Ah! Não. Não é nenhum gigante, apenas um sapo horrível — respondeu, ainda pálida.

— E o que deseja de ti?

Um pouco constrangida, ela contou o que se passara:

— Meu paizinho querido, ontem, quando brincava com a bola de ouro junto à fonte, lá na floresta, ela caiu-me das mãos e rolou para dentro da fonte. Comecei a chorar e a lastimar-me, quando de repente vi surgir esse sapo feio que se ofereceu para auxiliar-me. Exigiu, porém, minha promessa de gostar dele, tomá-lo como amigo e companheiro de brincadeiras. Eu, ansiosa por reaver a bola, prometi tudo o que me pediu, certa de que ele jamais conseguisse viver fora da água. Ei-lo aí, agora, querendo entrar e ficar ao meu lado!

Entretanto, ouviu-se bater novamente à porta e a voz insistir:

— Filha mais nova do Rei,
abre-me a porta.
Não esqueças a promessa
que me fizeste tão depressa
junto à fonte da floresta,
Filha mais nova do Rei,
abre-me agora a porta!...

O Rei disse, então, à filha:

— Aquilo que prometeste deves cumprir. Vá e abra a porta!

A princesa não teve remédio senão obedecer. Quando abriu a porta, o sapo pulou rapidamente para dentro da sala e, juntinho dela, foi saltitando até sua cadeira. Uma vez ali, pediu:

— Levante-me, coloca-me à tua altura.

A princesa relutava contrariada, mas o Rei ordenou que obedecesse.

Assim que se viu sobre a cadeira, o sapo pediu para subir na mesa, dizendo:

— Puxe teu prato de ouro mais perto para que possamos comer juntos.

Muito a contragosto, a princesa fez o que o sapo pediu, mas, enquanto ele se deliciava com as finas iguarias, ela não conseguia engolir a comida que ficava atravessada na garganta. Por fim, ele disse:

— Comi muito bem, estou satisfeítíssimo. Sinto-me, porém, muito cansado. Leva-me para teu quarto, prepara tua cama de seda e vamos dormir.

Diante dessa nova exigência, a princesa não se conteve e começou a chorar. Sentia horror em tocar aquela pele gelada e nojenta do sapo e, mais ainda, ter de dormir com ele em sua linda cama com lençóis de seda. O Rei, porém, zangando-se, repreendeu-a:

— Não podes desprezar quem te ajudou no momento de aflição.

Não vendo outra alternativa, a princesa armou-se de coragem, agarrou com a ponta dos dedos o sapo repelente, carregou-o para o quarto, onde o atirou para um canto. Pouco depois, quando já estava deitada, viu-o aproximar-se saltitando:

— Estou cansado, quero dormir confortavelmente como tu. Levante-me, deixa-me dormir junto de ti, senão chamarei teu pai.

A princesa, então, furiosa, agarrou-o e, com toda a força, atirou-o de encontro à parede.

— Cala a boca, sapo imundo, e me deixa em paz!

Mas, de repente, qual não foi sua surpresa: o sapo imundo transformou-se em um belo príncipe de olhos meigos e carinhosos. Contou-lhe, então, como havia sido encantado por uma bruxa má e que ninguém, senão ela, a princesa, tinha o poder de desencantá-lo.

Combinaram ainda que, no dia seguinte, partiriam para seu reino.

Em seguida, adormeceram. Pela manhã, quando o sol os despertou, chegou uma belíssima carruagem atrelada com oito esplêndidos cavalos brancos, de cabeças enfeitadas com plumas de avestruz e correntes de ouro. Vinha, atrás, o fiel Henrique, escudeiro do jovem Rei.

O fiel Henrique ficara tão aflito quando seu amo fora transformado em sapo, que mandara colocar três aros de ferro em volta do próprio coração, para que este não arrebetasse de dor. Agora, porém, a carruagem ia levar o jovem Rei de volta ao reino. O fiel Henrique acomodou os dois jovens e sentou-se atrás da carruagem, cheio de alegria por ver o amo enfim liberto e feliz.

Quando haviam percorrido bom trecho de caminho, o príncipe ouviu um estalo, como se algo na carruagem se tivesse partido. Voltou-se e gritou:

— Henrique, a carruagem está quebrando!

— Não, meu Senhor, a carruagem não,
é apenas um aro do meu coração.
Ele estava imerso na aflição,
quando, em sapo transformado,
estavas na fonte, abandonado.

Duas vezes ainda, ouviu-se o estalo durante a viagem e, de cada vez, o príncipe julgou que se quebrava a carruagem. Mas Henrique tranquilizou-o explicando que apenas os aros se haviam quebrado, saltando-lhe do coração, pois que, agora, seu amo e senhor estava livre e feliz.



O Pequeno Polegar



uma noite fria, um camponês estava sentado junto da lareira, conversando com a esposa que fiava ali do lado dele:

— Como é triste não ter filhos! Nossa casa é tão silenciosa, ao passo que nas outras há tanto barulho e alegria!

— É verdade — respondeu a esposa, suspirando —, mesmo que tivéssemos um único filho, nem que fosse do tamanho deste polegar, eu já me sentiria feliz, e o amaríamos de todo o coração.

Ora, aconteceu que a mulher começou a sentir-se indisposta e, passados setes meses, deu à luz um menino, perfeito, mas do tamanho de um polegar. Então, o chamaram de: Pequeno Polegar.

Os pais alimentavam-no o melhor possível, mas o menino não cresceu; ficou do mesmo tamanho que tinha ao nascer. Contudo, ele tinha um olhar muito inteligente e, bem cedo, revelou-se uma criança vivaz e esperta, sabendo sair-se bem em tudo que fazia.

Um dia, o camponês estava se aprontando para ir à floresta rachar lenha; então disse para si mesmo:

— Como gostaria que alguém fosse me buscar com a carroça para trazer a lenha!

— Ah, pai — exclamou o Pequeno Polegar —, eu irei! Fica sossegado, levarei a carroça e chegarei lá na hora certa.

O homem riu e disse:

— Como isso é possível? Tu és muito pequeno para segurar as rédeas e guiar um cavalo!

— Não faz mal, pai. Se a mamãe o atrelar, eu me sento na orelha do cavalo e lhe digo como e aonde deve ir.

— Está bem! — respondeu o camponês. — Por uma vez, podemos experimentar.

Quando estava na hora, a mãe atrelou o cavalo, sentou Polegar numa de suas orelhas e o pequenino ia-lhe gritando como e aonde devia ir.

O cavalo andava direito como se fosse guiado por um cocheiro e a carroça seguia o caminho certo para a floresta. Eis que, justamente numa curva, quando o pequeno gritava ao cavalo para virar à esquerda, passaram por ali dois forasteiros.

— Meu Deus! — disse um deles. — Que é isso? Aí vai uma carroça e o cocheiro que grita para o cavalo é invisível!

— Isso não é normal — disse o outro —, vamos seguir a carroça e ver aonde vai parar.

A carroça entrou direto na floresta e foi até a lenha rachada. Quando Polegar viu o pai, gritou-lhe:

— Estou aqui, papai! Trouxe a carroça, viste? Agora vem me pegar.

O pai segurou o cavalo com a mão esquerda e, com a direita, tirou o filhinho de sua orelha; todo satisfeito, o menino foi sentar-se num galho.

Quando os dois forasteiros viram o Pequeno Polegar, ficaram tão admirados que não sabiam o que dizer. Então, um deles chamou o outro de lado e disse:

— Escuta, aquele pimpolho poderia fazer a nossa fortuna se o exibíssemos cobrando a entrada numa grande cidade. Vamos comprá-lo!

Aproximaram-se do camponês e disseram-lhe:

— Vende-nos esse anãozinho, nós o trataremos bem e ele se sentirá feliz conosco.

— Não! — respondeu o pai. — Ele é a raiz do meu coração, jamais o venderia, nem por todo o ouro do mundo.

Mas o Pequeno Polegar, ouvindo esse negócio, subiu pelas dobras da roupa do pai, sentou-se no seu ombro e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Papai, podes vender-me; eu saberei voltar para casa.

Assim, depois de muito discutir, o pai deu-o aos homens em troca de muitas moedas de ouro.

— Onde você quer ficar? — perguntou um dos homens.

— Na aba do teu chapéu, aí eu poderei passear à vontade e admirar toda a região sem perigo de cair.

Fizeram-lhe a vontade. Polegar despediu-se do pai, e, em seguida, foram andando. Andaram até o escurecer; aí o pequeno disse:

— Põe-me no chão um pouquinho; estou precisando.

— Podes ficar aí mesmo — disse o homem —, não tem problema. Os passarinhos de vez em quando também deixam cair alguma coisa na cabeça da gente!

— Não é isso — insistiu o Pequeno Polegar —, desce-me depressa!

O homem tirou o chapéu e pôs o pequeno num campo à margem da estrada. O pequeno, então, meteu-se por entre as moitas, saltitando de cá

para lá e, de repente, resvalou para dentro de um buraco de rato, o que justamente estava procurando.

— Boa noite, senhores! Podeis continuar vosso caminho sem mim! — gritou-lhes o pequenino brincalhão.

Os dois homens correram e reviraram o buraco com um pau, mais foi trabalho perdido. Polegar ia escorregando sempre mais para o fundo e, como logo desceu a noite, escura como breu, os homens tiveram de partir, cheios de raiva e com a bolsa vazia. Quando Polegar se certificou de que os homens tinham ido embora, saiu do buraco.

— É perigoso andar pelos campos no escuro! — disse. — A gente pode quebrar o pescoço ou uma perna!

Por sorte sua, encontrou um caramujo:

— Graças a Deus! — disse ele. — Aqui poderei passar a noite em segurança! — E meteu-se dentro dele.

Pouco depois, já ia adormecendo, quando ouviu passar dois homens, um dos quais dizia:

— Como faremos para tirar o ouro e a prata do padre rico?

— Eu poderei ensinar — gritou o Pequeno Polegar.

— O que é isso? — disse assustado um dos ladrões. — Ouvi alguém falar! Pararam e escutaram; então Polegar repetiu.

— Levem-me com vocês, eu vos ajudarei.

— Mas onde estás?

— Procurem no chão e prestem atenção de onde sai a minha voz.

Finalmente, depois de muito procurar, os ladrões encontraram-no e o apanharam.

— Tu, tiquinho de gente, como podes nos ajudar?! — disseram eles.

— Escutem — disse o pequeno —, eu entrarei pela grade da janela no quarto do padre e vos entregarei o que quiserem.

— Está bem! — disseram os ladrões. — Vamos ver para que serves.

Quando chegaram à casa paroquial, Polegar insinuou-se pelas grades e entrou no quarto; uma vez dentro, começou a gritar com todas as forças de seus pulmões:

— Querem tudo o que há aqui?

Os ladrões alarmaram-se e disseram:

— Fala baixo, não acordes ninguém!

Mas Polegar fingiu não ter compreendido e gritou outra vez:

— Que querem? Querem tudo o que há aqui?

A cozinheira, que dormia no quarto ao lado, ouviu, sentou-se na cama e ficou escutando. Assustadíssimos, os ladrões fugiram; tendo corrido até bastante longe, criaram coragem e pensaram: “Aquele tiquinho de gente está brincando!” Então voltaram e sussurraram-lhe através da grade:

— Deixa de brincadeira e passa-nos qualquer coisa.

Polegar então gritou mais alto ainda:

— Darei tudo, mas estendei as mãos aqui para dentro.

A empregada, que estava ali do lado, ouviu-o nitidamente; então pulou da cama e, tropeçando, foi até ao quarto. Os ladrões fugiram correndo como se tivessem o diabo aos calcanhares. A mulher, não vendo nada, foi acender uma vela para enxergar melhor; porém, Polegar escapuliu para o paiol de feno. Após ter vasculhado inutilmente todos os cantos, a empregada voltou novamente para a cama, julgando ter sonhado de olhos abertos.

Polegar, subindo pelas hastes de feno, encontrara um excelente lugar para dormir. Tencionava descansar até o dia seguinte e depois regressar à casa dos pais. Mas aguardavam-no outras aventuras! Sim, o mundo está cheio de complicações e de peripécias!

De madrugada, a criada levantou-se para dar comida aos animais. Dirigiu-se em primeiro lugar ao paiol e apanhou uma grande braçada de feno, justamente aquele onde se encontrava Polegar dormindo. Este dormia tão profundamente que não percebeu nada e foi acordar somente na boca da vaca, que o pegara junto com o feno.

— Deus meu! — exclamou ele. — Como fui cair dentro do pilão?!

Logo, porém, deu-se conta do lugar em que estava. E quanta atenção lhe foi necessária para desviar-se dos dentes a fim de não ser triturado! Mas acabou escorregando para dentro do estômago da vaca.

— Esqueceram de colocar janelas neste quartinho — disse —, e não entra sequer um raio de sol; além disso ninguém traz uma vela!

O apartamento não lhe agradava absolutamente; mas o pior era que, pela porta, continuava a entrar sempre mais feno, e o espaço restringia-se cada vez mais. Por fim, amedrontado, gritou com toda a força:

— Não me tragam mais feno! Não me tragam mais feno!

A empregada, que estava justamente tirando leite da vaca, ouviu a voz falar e não viu ninguém; reconheceu a mesma voz que ouvira durante a noite e assustou-se tanto que escorregou do banquinho e entornou todo o leite. Correu para casa gritando ao patrão:

— Meu Deus, padre, a vaca falou!

— Quê? Enlouqueceste?

Contudo, foi pessoalmente ao estábulo ver o que se passava. Mal havia posto o pé lá dentro, Polegar tornou a gritar:

— Não me tragam mais feno! Não me tragam mais feno!

O padre, então, também assustou-se e julgou que havia entrado um espírito do mal na vaca. Mandou logo matá-la. Uma vez abatida, pegaram o estômago e atiraram no lixo.

Com grande dificuldade, Polegar conseguiu abrir caminho e avançar; mas, justamente quando ia pondo a cabeça para fora, sobreveio-lhe outra desgraça. Um lobo esfomeado, que ia passando por ali, agarrou o estômago da vaca e engoliu-o todo de uma só vez.

Polegar não desanimou. “Talvez o lobo me dê atenção”, pensou, e gritou-lhe de dentro da barriga:

— Meu caro lobo, eu sei onde poderás encontrar uma comida deliciosa.

— Onde? — perguntou o lobo.

— Numa casa assim e assim... — E descreveu com detalhes a casa do pai. — Tens que entrar pelo cano do esgoto e aí encontrarás bolo, linguiça e toucinho à vontade.

O lobo não pensou duas vezes; durante a noite entrou pelo tal cano, chegou na despensa e lá comeu até fartar-se.

Quando ficou satisfeito, quis sair, mas tinha engordado tanto que não conseguiu voltar pelo mesmo caminho. Era justamente com isso que Polegar contava; e desandou a fazer um barulhão na barriga do lobo, batendo os pés e vociferando o mais que podia.

— Fica quieto! — disse-lhe o lobo. — Vai acordar todo mundo!

— Como é?! — respondeu Polegar. — Você comeu à vontade e eu não posso me divertir?!

E voltou a gritar com todas as forças. Por fim o pai e a mãe acordaram, correram à despensa e espiaram por uma fresta. Vendo que era o lobo, precipitaram-se, um com o machado e o outro com a foice.

— Fica atrás de mim — disse o marido —, se não o matar com a primeira machadada, tu corta-lhe a barriga com a foice.

Ouvindo a voz do pai, Polegar gritou:

— Querido papai, eu estou aqui, dentro da barriga do lobo!

— Deus seja louvado! — gritaram os pais muito contentes. — O nosso querido filhinho voltou.

Mandou a mulher guardar a foice para não machucar o pequeno Polegar; depois, erguendo o machado, desferiu um terrível golpe na cabeça do lobo, que caiu morto no chão. Em seguida, munidos de uma faca e de uma tesoura, cortaram-lhe a barriga e tiraram o pequeno para fora.

— Ah — disse o pai —, como estivemos aflitos por tua causa!

— Sim, pai, andei muito por esse mundo; agora, graças a Deus, respiro novamente ar puro.

— Mas onde estiveste?

— Oh, estive num buraco de ratos, no estômago de uma vaca e na barriga de um lobo. Agora quero ficar para sempre com meus queridos pais!

— E nós não te venderemos nunca mais, nem por todo o ouro do mundo — disseram os pais, abraçando e beijando carinhosamente o filhinho querido.

Depois deram-lhe de comer e beber e tiveram de mandar fazer novas roupas para ele, porque as que vestia tinham se estragado completamente durante a viagem.



Os músicos de Bremen



ra uma vez um homem que tinha um burro, o qual, durante longos anos, tinha carregado os sacos de farinha ao moinho, mas, por fim, não tinha mais forças e, dia após dia, se sentia cansado para o trabalho.

O patrão, então, resolveu não dar mais a ração para que morresse; mas o burro percebeu em tempo as más intenções do dono e decidiu fugir, tomando a estrada de Bremen. Lá, pensava ele, teria possibilidade de ingressar como músico na banda da cidade. Depois de caminhar um bom trecho, encontrou um cão de caça deitado na estrada, ofegante como se tivesse corrido muito.

— Por que estás tão ofegante, meu caro? — perguntou-lhe o burro.

— Ah — respondeu o cão tristonho —, como já estou velho, cada dia mais fraco e não consigo mais caçar, meu patrão decidiu matar-me. Então fugi, mas agora que farei para ganhar o pão de cada dia?

— Queres saber de uma coisa? — disse o burro. — Eu vou para Bremen, onde serei músico. Vem comigo também, e vamos entrar na banda. Eu toco violão e tu bates os tambores.

A proposta agradou ao cão; então continuaram o caminho juntos. Depois de andar um bom trecho, encontraram, à margem da estrada, um gato com a cara desanimada como em dia de chuva.

— Por que essa cara, bichano? — perguntou-lhe o burro.

— Como é possível ficar alegre quando se está com a corda no pescoço? — rosou o gato. — Como já estou velho e meus dentes não estão mais afiados como antes, preferindo, além disso, ficar tranquilamente roncando junto do fogo em vez de correr atrás dos ratos, minha patroa tentou afogar-me. Consegui escapular, é verdade, mas agora surge a complicação: aonde irei?

— Vem conosco para Bremen; como sabes cantar serenatas, poderás entrar na banda!

O gato achou a ideia excelente e foi com eles. Pouco depois, os três fugitivos passaram diante de um terreiro e viram um galo, empoleirado no portão, cantando desesperadamente.

— Cantas a ponto de fazer estourar os tímpanos da gente; que te aconteceu? — perguntou-lhe o burro.

— Amanhã é domingo e minha patroa, impiedosamente, disse à cozinheira que deseja fazer uma canja comigo; assim, hoje à noite, ela vai me cortar o pescoço. Então canto até não poder mais.

— Deixa disso, Crista Vermelha — disse o burro. — Fazes melhor vindo conosco, que vamos a Bremen. Tens uma bela voz e, se juntando a nós, poderemos formar um quarteto.

O galo interessou-se pela proposta e aceitou. Os quatro, então, puseram-se a caminho.

Mas não podiam chegar a Bremen num dia; portanto, quando já estava escurecendo, chegaram a uma floresta e ali resolveram passar a noite. O burro e o cão deitaram-se debaixo de uma árvore muito alta; o gato e o galo subiram nos galhos. O galo voou até ao galho mais alto por lhe parecer mais seguro. Antes de adormecer, porém, correu os olhos em todas as direções e pareceu-lhe ver ao longe uma luz brilhando. Então gritou aos companheiros que, não muito longe dali, devia encontrar-se alguma casa, pois estava vendo uma luz a brilhar.

— Então vamos até lá — disse o burro —, porque aqui não está muito bom.

O cão, por seu lado, pensava que um osso com alguma carne viria a calhar. Seguiram, então, em direção à luz; não demorou muito, viram-na brilhar mais claramente e cada vez mais perto, até que descobriram uma casa muito iluminada, mas que não passava de um covil de ladrões. O burro, que era o mais alto, aproximou-se da janela e espiou dentro.

— O que vê? — perguntou o galo.

— Não acredito no que vejo! — respondeu o burro. — Uma mesa posta, cheia dos melhores pratos e, sentados em volta dela, um bando de ladrões se fartando!

— Ah! Viria a calhar para nós — disse o galo.

— Ah, se estivéssemos lá dentro! — tornou o burro.

Então os quatro animais reuniram-se em conselho para estudar a maneira de enxotar os ladrões; finalmente, chegaram a uma conclusão. O burro teve de apoiar as patas dianteiras no parapeito da janela; o cão saltou em cima das costas do burro; o gato subiu no cão, e o galo, com um grande voo, foi pousar na cabeça do gato. Em seguida, todos juntos começaram a fazer o maior barulho: o burro zurrava com toda a força de seus pulmões; o cão latia furiosamente; o gato miava de causar medo e o galo cantou sonoramente.

Com essa algazarra toda, pularam para dentro da janela e foram cair no meio da sala, quebrando os vidros.

Os ladrões pularam das cadeiras; julgando que um fantasma vinha entrando, cegos pelo terror, fugiram em carreira desabalada para a floresta. Os quatro companheiros, então, sentaram em volta da mesa e avançaram no que tinha sobrado, comendo tanto como se não tivessem comido há quatro semanas.

Quando terminaram de comer, os quatro músicos apagaram as luzes e procuraram um lugar confortável para dormir, cada qual de acordo com a própria natureza. O burro foi para o pátio e deitou-se num monte de palha, o cão deitou-se atrás da porta dos fundos, o gato enrolou-se perto do fogão e o galo empoleirou-se no telhado. Sentindo-se muito cansados pela longa caminhada, adormeceram logo.

Depois da meia-noite, os ladrões viram de longe que na casa não brilhava mais luz alguma e tudo parecia mergulhado na calma e no silêncio. Então, o chefe da quadrilha disse:

— Fomos tolos, não deveríamos ter-nos deixado espantar.

Resolveu mandar um de seus homens espiar a casa.

O homem foi; encontrando tudo calmo, dirigiu-se à cozinha para acender uma vela; aí viu no fogão os olhos brilhantes do gato e, confundindo-os com brasas, pegou um galho e enfiou-o neles para acender. Mas o gato não gostou da brincadeira e pulou na cara dele arranhando-o todo. Assustadíssimo, o homem tratou de fugir pela porta dos fundos, mas o cão, deitado na soleira, deu um salto e mordeu-lhe a perna; quis fugir pelo pátio, mas, ao passar correndo perto do monte de palha, o burro deu-lhe um solene coice com a pata traseira, e o galo, que tinha acordado com todo esse tumulto, pôs-se a berrar freneticamente do alto do telhado: Có-có-có-ri-có!

O ladrão, meio morto de susto, saiu a correr até ficar sem fôlego e foi contar ao chefe o que lhe acontecera.

— Lá na casa tem uma bruxa medonha, que me soprou cinza em cima e me arranhou todo o rosto com as garras afiadas. Na soleira da porta está sentado um homem, que me feriu a perna com sua faca. No pátio, então, há um monstro que me agrediu com uma tora de madeira, enquanto que, em cima do telhado, estava o juiz, a gritar: “Tragam-me esse bandido aqui!” Então tratei de me salvar e nem sei como consegui chegar até aqui!

Desde esse dia, os ladrões nunca mais se arriscaram a entrar na casa, o que foi ótimo para os quatro músicos de Bremen, que nela se instalaram, vivendo

tão bem que nunca mais quiseram sair de lá.



Rumpelstichen



ra uma vez um moleiro que era muito pobre e tinha uma filha muito bonita. Certa vez, encontrou com o rei e, para dar-se importância, disse-lhe:

— Eu tenho uma filha capaz de fiar e transformar em ouro a simples palha.

O rei, arregalando os olhos, pensou consigo mesmo “Esse é um negócio excelente para mim!”, pois ele era um poço de ambição e nada era suficiente. Então, disse ao moleiro:

— Se é verdade o que dizes, traga sua filha amanhã ao palácio. Quero submetê-la a uma prova.

No dia seguinte, a moça foi apresentada ao rei, o qual a conduziu a uma sala cheia de palha até o teto, tendo lá uma roca de fiar num canto.

— Senta-te aí ao pé dessa roca de fiar — disse o rei. — Já que sabes transformar a palha em ouro, comece a trabalhar e, se até amanhã cedo não me tiveres produzido todo esse ouro, serás condenada à morte.

Trancou a sala e foi-se embora sem mais uma palavra. A pobre ficou só, na maior aflição deste mundo, pois nunca imaginara que se pudesse transformar palha em ouro, e sua aflição aumentando cada vez mais, começou a chorar desconsoladamente. Nisso a porta rangeu e apareceu um gnomo muito atrevido, dizendo:

— Boa noite, linda moleira. Por que estás chorando assim?

— Ai de mim — soluçou ela —, o rei mandou-me transformar toda esta palha em ouro e eu não sei fazê-lo.

— Hum! — disse o gnomo, sorrindo brejeiro. — Que me dás se eu fiar tudo como o rei deseja?

— Oh, meu amigo — respondeu ela —, dou-te o meu colar.

O gnomo tomou o colar, examinou-o detidamente, guardou-o no bolso e, em seguida, sentou-se à roca: zum... zum... zum..., fazia a roda, que girou três vezes, enchendo o fuso de fios de ouro. Fez girar mais três vezes: zum... zum... zum... e este outro fuso também logo ficou cheio. E assim trabalhou até que, pela madrugada, tinha desaparecido a palha, só ficando os fusos cheios de fios de ouro.

Quando, ao nascer do sol, o rei foi à sala ver se suas ordens haviam sido cumpridas, ficou extasiado ao ver todo aquele ouro. Mas não se contentou; de coração ambicioso, queria ainda mais. Levou a moça para outra sala, ainda maior, que estava cheia de palha até ao teto, e tornou a ordenar-lhe que fiasse aquilo tudo durante a noite, se tinha amor à vida.

A pobre moça não sabia para que santo apelar e desatou outra vez num choro amargurado, mas eis que novamente a porta rangeu e o gnomo tornou a aparecer, perguntando:

— Mais palha para fiar? Que me dás agora se eu fizer o mesmo trabalho de ontem?

— Dou-lhe este anel que trago no dedo.

O gnomo tomou o anel, examinou-o bem e depois recomeçou o zumbido da roda. Ao raiar do dia, toda aquela palha estava transformada em fios de ouro puro e brilhante.

O rei, muito cedo, foi ver o trabalho e sentiu uma grande alegria vendo aquela pilha de ouro. Sua ambição, porém, era desmedida. Levou a moça para uma terceira sala, maior que as outras, tão cheia de palha que só ficara um cantinho para a roca de fiar.

— Aí tens a palha que deves fiar durante esta noite. Se o conseguires, me casarei contigo.

“Embora seja filha de um simples moleiro”, pensava consigo mesmo o rei, “uma esposa mais rica não encontrarei no mundo todo!”

Assim que ficou só, a moça esperou que aparecesse o gnomo, e este não tardou.

— Hum! Temos mais serviço hoje? O que me dás se eu te fiar toda esta palha?

— Não tenho mais nada — disse ela tristemente —, já te dei tudo quanto tinha comigo.

— Nesse caso, promete-me que me darás teu primeiro filho quando fores rainha.

A moça pensou: “Quem sabe lá se me tornarei rainha algum dia!” E, para sair daquele apuro, prometeu ao gnomo tudo o que ele quis. No mesmo instante, o gnomo se pôs a fiar e, em pouco tempo, transformou toda a palha em ouro.

Quando pela manhã bem cedo o rei chegou e viu tudo executado conforme seu desejo, ficou radiante de alegria e, cumprindo o que prometera, casou-se com a filha do moleiro, que assim se tornou rainha.

Decorrido um ano, a rainha teve um filho lindo. Estava tão feliz que já não se lembrava da promessa feita ao gnomo, mas este não se esquecera. Ele entrou no quarto da rainha e disse-lhe:

— Por três vezes ajudei-te! Agora dá-me o que me prometeste.

A rainha ficou apavorada e ofereceu-lhe todas as riquezas do reino para que lhe deixasse aquele amor de criança, mas o gnomo, implacável, disse:

— Não, não. Prefiro uma criaturinha viva a todos os tesouros do mundo.

Então a rainha desatou a chorar e a lastimar-se de causar dó. O gnomo, com pena de sua grande dor, disse-lhe:

— Está bem! Concedo-te três dias de prazo. Se antes de vencer este prazo conseguires adivinhar meu nome, poderás ficar com a criança.

A rainha encheu-se de esperança, e passou a noite inteira pensando em todos os nomes que conhecia ou que ouvira mencionar. Além disso, enviou vários mensageiros que percorressem o reino todo e perguntassem os nomes de todos.

No dia seguinte, o gnomo apareceu e ela foi dizendo os nomes que sabia, a começar por Gaspar, Melchior, Baltazar, Benjamim, Jeremias e todos os que lhe ocorriam no momento, mas a cada um o gnomo exclamava:

— Não! Não é esse o meu nome!

No segundo dia, a rainha mandou perguntar o nome de todas as pessoas da vizinhança e repetiu ao gnomo os mais incomuns e estranhos.

— Seu nome é Leite de Galinha? Costela de Carneiro? Unha de Boi ou Osso de Baleia?

Mas a resposta do gnomo não variava:

— Não! Não é esse o meu nome!

No terceiro dia, chegou o mensageiro e disse-lhe:

— Percorri todo o reino e não descobri nenhum nome novo. Mas, passando ao pé de uma montanha, justamente na curva onde a raposa e a lebre se dizem boa-noite, avistei uma casinha muito pequenina. Diante da casinha havia uma fogueira em volta da qual estava um gnomo muito estranho a dançar e pular com uma perna só. E estava cantando:

— Hoje faço o pão, amanhã a cerveja;
a melhor é minha.

Depois de amanhã ganho o filho da rainha.

Que bom que ninguém sabe bem
que meu nome é Rumpelstichen!

Podem bem imaginar a alegria da rainha ao ouvir essa história; decorou-a e quando, pouco depois, a porta rangeu e apareceu o gnomo a perguntar:

— Então, minha Rainha, já descobriste o meu nome?

A rainha, para disfarçar, começou por dizer:

— Chamas-te Conrado?

— Não.

— Não te chamas, por acaso, Rumpelstichen?

Ao ouvir seu nome, o gnomo ficou assombrado, depois teve um acesso de cólera e berrou:

— Foi o diabo quem te contou, foi o diabo quem te contou!

E bateu o pé no chão com tanta força que rompeu o assoalho e afundou até a cintura. Ele, então, desesperado, agarrou o pé esquerdo com as duas mãos e puxou tanto que acabou se rasgando ao meio. E depois desapareceu.

Desde esse dia, a rainha viveu tranquilamente com o seu filhinho.





Chapeuzinho Vermelho



ra uma vez uma graciosa menina de quem todos gostavam, principalmente a sua avozinha, que não sabia o que dar e o que fazer pela netinha. Certa vez, presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho e, como lhe ficava muito bem, a menina não mais quis usar outro e acabou ficando com o apelido de Chapeuzinho Vermelho. Um dia, a mãe chamou-a e disse-lhe:

— Vem cá, Chapeuzinho Vermelho. Aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva tudo para a vovó. Ela está doente e fraca e com isso ficará boa. Vá antes que o sol esquente muito e, quando for, comporta-te direito. Não saias do caminho, senão caís e quebras a garrafa e a vovó ficará sem nada. Quando entrar em seu quarto, não se esqueças de dizer “bom-dia, vovó”, em vez de bisbilhotar pelos cantos.

— Farei tudo direitinho — disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, e despediu-se.

A avó morava à beira da floresta, a uma meia hora da aldeia. Quando Chapeuzinho Vermelho chegou à floresta, encontrou o lobo. Não sabendo, porém, que animal malvado ele era, não sentiu medo.

— Bom dia, Chapeuzinho Vermelho — disse o lobo, todo dengoso.

— Muito obrigada.

— Aonde vais assim tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

— Vou à casa da vovó.

— E que levas aí nesse cestinho?

— Levo bolo e vinho. Assamos o bolo ontem, assim a vovó, que está adoentada e muito fraca, ficará contente, tendo com que se alimentar.

— Onde mora tua vovó, Chapeuzinho Vermelho?

— Mora na floresta, a uns quinze minutos daqui, debaixo de três grandes carvalhos. A casa está cercada de nogueiras, acho que você conhece.

Enquanto isso, o lobo ia pensando: “Esta meninazinha delicada é um quitute delicioso, certamente mais apetitosa que a avó. Devo agir com esperteza para pegar as duas.” Andou um trecho de caminho ao lado de Chapeuzinho Vermelho e depois disse:

— Olha, Chapeuzinho Vermelho, que lindas flores! Por que não olhas ao redor de ti? Creio que nem sequer ouves o canto dos pássaros! Andas tão séria como se fosses para a escola, ao passo que é tão divertido tudo aqui na floresta!

Chapeuzinho Vermelho ergueu os olhos e, quando viu os raios do sol dançando por entre as árvores, e à sua volta a grande quantidade de lindas flores, pensou: “Se levar para a vovó um ramo de flores, ela certamente ficará contente. É tão cedo ainda que chegarei bem a tempo.” Saiu da estrada e entrou na floresta em busca de flores. Tendo apanhado uma, achava que mais adiante encontraria outra mais bela e assim ia avançando cada vez mais pela floresta adentro.

Enquanto isso, o lobo foi correndo à casa da vovó e bateu na porta.

— Quem está batendo? — perguntou a avó.

— Sou eu, Chapeuzinho Vermelho, trago vinho e bolo. Abra a porta, vovó.

— Levanta a tranca — disse-lhe a avó. — Estou muito fraca e não posso levantar-me da cama.

O lobo levantou a tranca, escancarou a porta e, sem dizer palavra, correu para a cama da avó e a engoliu. Depois, vestiu a roupa e a touca dela, deitou-se na cama e fechou a cortina.

Enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho ficara correndo de um lado para outro colhendo flores. Tendo colhido tantas que quase não podia carregar, lembrou-se da avó e foi correndo para a casa dela. Lá chegando, se espantou ao ver a porta escancarada. Entrou na sala e teve uma impressão tão esquisita que pensou: “Meu Deus, que medo tenho hoje! Das outras vezes, sentia-me tão bem aqui com a vovó!” Então disse alto:

— Bom dia, vovó! — Mas ninguém respondeu.

Aproximou-se da cama e abriu a cortina: a avó estava deitada, com a touca caída no rosto, e tinha um aspecto muito esquisito.

— Vovó, que orelhas tão grandes você tem!

— São para te ouvir melhor.

— Vovó, que olhos tão grandes você tem!

— São para te ver melhor.

— Vovó, que mãos enormes você tem!

— São para te pegar melhor.

— Vovó, que boca enorme você tem!

— É para te comer melhor!

Dizendo isso, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Tendo assim satisfeito o apetite, voltou para a cama, ferrou no sono e começou a roncar bem alto. Justamente nesse momento, ia passando em frente à casa o caçador, que ouvindo aquele ronco, pensou: “Como a velha ronca! É melhor dar uma olhadela e ver se está se sentindo mal.”

Entrou no quarto e aproximou-se da cama. Ao ver o lobo, disse:

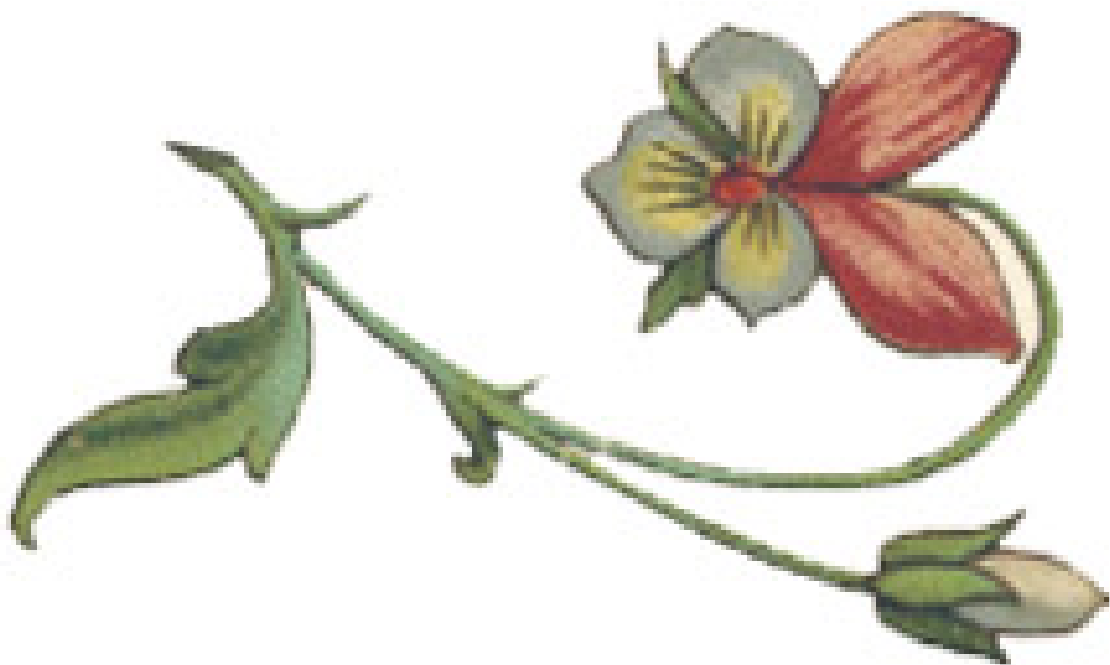
— Seu tratante! Há muito tempo venho-te procurando!

Quis dar-lhe um tiro, mas lembrou-se de que o lobo poderia ter comido a avó e que talvez ainda fosse possível salvá-la, então pegou uma tesoura e pôs-se a cortar-lhe a barriga, cuidadosamente, enquanto ele dormia. Após o segundo corte, viu brilhar o chapeuzinho vermelho e, após mais outros cortes, a menina pulou para fora, gritando:

— Ai que medo eu tive! Como estava escuro na barriga do lobo!

Em seguida, saiu também a vovó, ainda com vida, embora respirando com dificuldade. Chapeuzinho Vermelho correu para buscar grandes pedras e com elas encheram a barriga do lobo. Quando este acordou e tentou fugir, as pedras pesavam tanto que ele levou um tombo e morreu.

Os três ficaram muito felizes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho e logo sentiu-se mais animada, e enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho dizia para si mesma: “Nunca mais vou sair do caminho e entrar na floresta quando a mamãe me proibir!”



Contam também que, certa vez, Chapeuzinho Vermelho ia levando novamente um bolo para a avó e outro lobo surgiu à sua frente e tentou tirá-la do caminho. Chapeuzinho Vermelho, porém, não lhe deu ouvidos e seguiu a estrada bem direitinho, contando à avó que tinha encontrado o lobo, que a cumprimentara, mas olhando-a com uma cara faminta.

— Se não estivéssemos na estrada pública, certamente teria me devorado!

— Entra depressa — disse a vovó. — Fechemos bem a porta para que ele não entre aqui!

Com efeito, mal fecharam a porta, o lobo bateu, dizendo:

— Abre, vovó, sou Chapeuzinho Vermelho, venho trazer-te o bolo.

Mas as duas ficaram bem quietinhas, sem dizer palavra, e não abriram. Então o lobo pôs-se a rondar a casa e, por fim, pulou em cima do telhado e ficou esperando que Chapeuzinho Vermelho, à tarde, retomasse o caminho de volta para sua casa, aí então ele a seguiria para comê-la no escuro.

A vovó, porém, percebeu o que a fera estava tramando.

Lembrou-se de que na frente da casa havia uma gamela de pedra, e disse à menina:

— Chapeuzinho, vai buscar o balde da água em que cozinhei ontem as salsichas e traz aqui, para esta gamela.

Chapeuzinho Vermelho foi buscar a água e encheu a gamela. Então o cheiro de salsicha subiu ao nariz do lobo, que se pôs a farejar e a espiar para baixo de onde vinha. Mas tanto espichou o pescoço que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar do telhado, indo cair exatamente dentro da gamela, onde morreu afogado.

Assim, Chapeuzinho Vermelho pôde voltar felizmente para casa e muito alegre, porque ninguém lhe fez o menor mal.



A Bela Adormecida



ra uma vez um rei e uma rainha que diariamente diziam: “Ah, se tivéssemos um filho!” Mas a rainha nunca engravidava. Certo dia, ela estava tomando banho quando, de repente, da água pula uma rã, dizendo-lhe: — Teu desejo se realizará: em menos de um ano terás uma menina.

A profecia da rã confirmou-se e a rainha teve uma menina tão linda que o rei não cabia em si de alegria e organizou uma esplêndida festa. Não só convidou os parentes, amigos e conhecidos, como também as fadas, para que fossem protetoras e boas com a recém-nascida. No reino, havia treze fadas, mas ele só tinha doze pratos de ouro para o banquete, portanto, uma delas não foi convidada.

A festa foi realizada com o maior esplendor e, quando estava para terminar, as fadas concederam à menina dons maravilhosos. A primeira lhe desejou: “virtude!” A segunda: “beleza!” A terceira: “riqueza!” E assim por diante, com tudo o que se possa desejar no mundo. Depois que onze fadas haviam dito os seus votos, repentinamente chegou a décima terceira. Queria vingar-se por não ter sido convidada para a festa e, sem olhar e sem cumprimentar ninguém, disse em voz alta:

— Aos quinze anos, a princesa espetará o dedo com um fuso e cairá morta.

Sem acrescentar mais nada, virou as costas e saiu da sala.

Entre o espanto geral, a décima segunda fada, que ainda não tinha desejado um dom, se aproximou, e, como não podia anular a maldição, apenas abrandá-la, disse:

— A princesa não morrerá, mas cairá em sono profundo, que durará cem anos.

O rei, que desejava a todo custo preservar a filhinha querida de tal desventura, deu ordens para que se queimassem todos os fusos existentes no reino.

Os demais dons das fadas confirmaram-se; a menina era tão linda, amável, gentil e inteligente que era impossível olhar para ela sem admirá-la e querer-lhe bem. Eis que, justamente no dia em que completou quinze anos, estando o rei e a rainha ausentes, ela ficou sozinha no castelo. Passeou, então, por

toda parte, percorreu à vontade todos os aposentos e, por fim, foi dar em uma antiga torre. Subiu por uma escada estreita em caracol e chegou diante de uma porta. Na fechadura, estava uma chave enferrujada e, quando a girou, a porta abriu-se, deixando ver um pequeno quarto, onde uma velha, sentada diante de sua roca, fiava o linho com o fuso.

— Boa tarde, senhora — disse a princesa —, que estás fazendo?

— Estou fiando — disse a velha, acenando-lhe com a cabeça.

— O que é isso que gira tão engraçado? — perguntou a menina, e pegou o fuso para experimentar se sabia manejá-lo. Mas, apenas tocando nele, realizou-se a maldição da fada e ela espetou o dedo.

No mesmo instante em que sentiu a picada, caiu na cama que ali estava e mergulhou em sono profundo. Esse sono se estendeu por todo o castelo: o rei e a rainha, regressando nesse momento, adormeceram na sala, assim como toda a corte.

Dormiam os cavalos na estrebaria, os cães no terreiro, os pombos no telhado, as moscas na parede. Até o fogo, que flamejava na lareira, apagou-se e adormeceu. O assado cessou de cozinhar e o cozinheiro, que tentava agarrar pelos cabelos um ajudante, também adormeceu nessa posição. O vento paralisou-se e, nas árvores diante do castelo, não se mexeu mais nenhuma folha.

Em volta do castelo cresceu, então, uma sebe de espinhos, que cada ano se tornava mais alta e acabou por circundá-lo e cobri-lo todo, de maneira que não se via mais nada dele, nem mesmo a bandeira da mais alta torre. Na região, espalhou-se a lenda da Bela Adormecida. De vez em quando, aparecia algum príncipe tentando atravessar o espinheiro para entrar no castelo, mas não conseguia, pois o espinheiro impedia-os como se tivessem mãos e os segurassem. Assim os jovens ficavam emaranhados e, não podendo desvencilhar-se, acabavam morrendo.

Muitos anos depois, chegou à região um príncipe e ouviu um velho falar no espinheiro, dizendo que atrás dele havia um castelo onde uma belíssima princesa dormia há cem anos, e com ela dormiam o rei, a rainha e toda a corte. O príncipe já ouvira seu avô contar que muitos príncipes haviam tentado atravessar o espinheiro, mas que ficaram emaranhados e acabaram morrendo de maneira horrível. Então, o príncipe disse:

— Eu não tenho medo. Abrirei uma brecha no espinheiro e chegarei onde se encontra a Bela Adormecida.

Não deu atenção ao bom velho, que tentou, por todos os meios, dissuadi-lo da aventura. E, justamente, se completaram os cem anos, tendo chegado o dia em que a Bela Adormecida devia despertar.

Quando o príncipe se aproximou do espinheiro, viu que estava todo coberto de grandes e belíssimas flores que espontaneamente se separaram para deixá-lo passar, fechando-se depois às suas costas. No pátio do castelo se deparou com cavalos e cães de caça malhados, dormindo, deitados no chão. No telhado viu os pombos com a cabecinha debaixo da asa, também dormindo. No interior do castelo, viu as moscas dormindo, grudadas na parede; na cozinha, o cozinheiro na mesma atitude de braço erguido e a criada sentada diante da galinha que estava depenando. Continuou andando e na sala viu toda a corte dormindo e, recostados no trono, o rei e a rainha adormecidos também. O silêncio era tão completo que ele ouvia sua própria respiração. Finalmente, chegou à velha torre e abriu a porta do quarto onde dormia a princesa.

Ela estava deitada e era tão linda que o príncipe não conseguia despregar os olhos; inclinou-se e deu-lhe um beijo. Com aquele beijo, a Bela Adormecida abriu os olhos, despertou e o olhou sorrindo com doçura. Ele tomou-a pela mão e juntos desceram à sala. Então o rei, a rainha e toda a corte despertaram também, olhando-se pasmados uns aos outros.

Os cavalos no pátio levantaram-se e relincharam; os cães de caça espreguiçaram-se agitando os rabos; os pombos no telhado tiraram a cabecinha de sob as asas, olharam em volta e saíram voando para os campos; as moscas voltaram a esvoaçar; o fogo na cozinha reavivou-se, tornou a crepitar e continuou a cozinhar a comida; o cozinheiro deu o safanão no ajudante, fazendo-o gritar, e a criada acabou de depenar a galinha.

Alguns dias depois, celebraram o casamento do príncipe com a Bela Adormecida, que viveram muito felizes até o fim de suas vidas.